

CRIATIVIDADE E BEM-ESTAR
NA POPULAÇÃO RECLUSA DO ALGARVE

Tânia Frederica Ferreira Paulo Saramago

Dissertação para obtenção de mestre
em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação orientada por Professor Doutor Saul Neves de Jesus

2012

CRIATIVIDADE E BEM-ESTAR
NA POPULAÇÃO RECLUSA DO ALGARVE

Tânia Frederica Ferreira Paulo Saramago

Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

Dissertação orientada por Professor Doutor Saul Neves de Jesus

2012

CRIATIVIDADE E BEM-ESTAR

NA POPULAÇÃO RECLUSA DO ALGARVE

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright- Tânia Frederica Ferreira Paulo Saramago. Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Ao Professor Saúl Neves de Jesus pela orientação, por estar sempre disponível a qualquer solicitação, pela paciência e palavras de incentivo;

À Direcção-Geral dos Serviços Prisionais pela autorização à execução deste estudo;

Aos Diretores dos Estabelecimentos Prisionais do Algarve, nomeadamente à Dr. Ana Salomão pela disponibilidade, pelo interesse e por confiar sempre no meu trabalho; ao Dr. Alexandre Gonçalves pela simpatia e disponibilidade como sempre me acolheu e como acolheu mais um dos meus projetos; à Dr. Alexandra Moisão por também ela ter permitido que este estudo se concretizasse;

Aos técnicos de reeducação pela preciosa ajuda na recolha de dados, nomeadamente à Dr. Angélica Oliveira por ter sido incansável na ajuda que me prestou, por me dispensar tanto do seu pouco tempo; ao Dr. Júlio Melo por ter sido tão atencioso e prestável;

Ao Corpo da Guarda por toda a paciência e simpatia a responder aos meus pedidos;

Aos Reclusos pela colaboração indispensável à realização deste trabalho, pela vontade de me ajudar que demonstraram e pela forma como sempre me receberam;

Aos professores que fizeram parte da minha formação e que, de alguma forma, contribuíram com todos os ensinamentos necessários à elaboração desta dissertação;

Ao Pedro Godinho e à Cristiana Vieira pela ajuda na recolha de dados, pelos conselhos e pelo companheirismo;

Ao meu pai, por me ajudar sempre que precisei, permitindo que conseguisse alcançar os meus objetivos;

À minha mãe, por perceber a minha ausência, pela confiança e respeito pelas minhas escolhas.

Tânia Frederica Ferreira Paulo Saramago

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Orientador: Professor Doutor Saúl Neves de Jesus

Data: 19 de Dezembro de 2012

Título da dissertação de mestrado: Criatividade e Bem-estar na População Reclusa do Algarve

Resumo

A criatividade é assumida como um constructo importante para o desenvolvimento do potencial humano. Relaciona-se, ainda, com a adaptação e a resolução de problemas, conceitos pertinentes no estudo da população reclusa. Por outro lado, a reabilitação desta população está relacionado com o bem-estar da mesma. Desta forma, procurou estudar-se a personalidade criativa enquanto possível potenciador de bem-estar nesta população. Para esta avaliação foram utilizados como instrumentos a Escala de Personalidade Criativa; a Escala de Otimismo; a *Measuring State and Child Resilience*; e a Escala de Satisfação com o Suporte Social. Estes foram aplicados aos reclusos pertencentes aos três estabelecimentos prisionais algarvios, constituindo no final uma amostra de 106 sujeitos. Os resultados indicaram que a personalidade criativa relaciona-se positivamente com o otimismo e a resiliência. Não foram encontradas correlações para a satisfação com o suporte social. No entanto, estes resultados sugerem que a personalidade criativa poderá potenciar o otimismo e a resiliência, e assim contribuir para o bem-estar da população reclusa.

Palavras-chave: personalidade criativa; bem-estar; otimismo; resiliência; suporte social; reclusos

Abstract

Creativity is assumed as an important construct for the development of human potential. It also relates to the adaptation and problem solving, this concepts are relevant in the study of the prison population. Furthermore, the rehabilitation of the prison population is related with its well-being. Thus, we studied the creative personality as possible enhancer wellness in this population. For this evaluation we used as scales Escala de Personalidade Criativa; Escala de Otimismo; Measuring State and Child Resilience; and Escala de Satisfação com o Suporte Social. These scales were applied to prisoners belonging to the three prisons of the Algarve, constituting a final sample of 106 subjects. The results indicated that the creative personality relates positively with optimism and resilience. No correlations were found for satisfaction with social support. However, these results suggest that the creative personality may enhance optimism and resilience, and thus contribute to the well-being of the inmate population.

Keywords: creative personality; well-being; optimism; resilience; social support; inmates

Índice

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
Capítulo 1. Personalidade Criativa	5
Capítulo 2. Bem-estar	11
Capítulo 3. População Reclusa	15
ESTUDO EMPÍRICO	18
Capítulo 4. Metodologia	19
Introdução	19
1. Objetivos e hipóteses de investigação	20
1.1. Objetivos da investigação	20
1.2. Hipóteses de investigação	20
2. Desenho do Estudo	21
3. Amostra	22
3.1. Método de amostragem	22
3.2. Caracterização da amostra	22
3.2.1. <i>Caracterização sociodemográfica.</i>	23
3.2.2. <i>Caracterização da situação jurídico-penal.</i>	24
3.2.3. <i>Ocupação no estabelecimento prisional.</i>	25
4. Instrumentos de recolha de dados	26
4.1. Questionário Sociodemográfico	26
4.2. Escala de Personalidade Criativa	27
4.3. Escala de Otimismo	28
4.4. Escala Measuring State and Child Resilience	29
4.4.1. <i>Escala Measuring State Resilience.</i>	30
4.4.2. <i>Escala Measuring Child Resilience.</i>	30
4.5. Escala de Satisfação com o Suporte Social	31
5. Procedimento seguido para a recolha de dados	33
6. Procedimento seguido para o tratamento de dados	34
Síntese	35
Capítulo 5. Resultados	37

Introdução	37
1. Resultados da Escala de Personalidade Criativa	38
1.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e a Personalidade Criativa	38
1.2. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e a Personalidade Criativa	41
1.3. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com a Personalidade Criativa	44
2. Resultados da Escala de Otimismo	47
2.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e o Otimismo	47
2.2. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e o Otimismo	50
2.3. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com o Otimismo	52
3. Resultados da Measuring State and Child Resilience	55
3.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e a Resiliência.	55
3.2. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e a Resiliência	61
3.3. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com a Resiliência	66
4. Resultados da Escala de Satisfação com o Suporte Social	72
4.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e a Satisfação com o Suporte Social	72
4.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e a Satisfação com o Suporte Social	77
4.2. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com a Satisfação com o Suporte Social	81
4. Associação entre a Personalidade Criativa, o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social	85
5. Preditores da Personalidade Criativa	90
6. Personalidade Criativa preditora de Bem-estar	91
Síntese	94
Capítulo 6. Discussão	99
Capítulo 7. Conclusão	101
Bibliografia	102
Anexos	106
	VII

Índice de Anexos

ANEXO 1. Pedido de autorização para recolha de dados	107
ANEXO 2. Consentimento informado	109
ANEXO 3. Questionário sociodemográfico	111
ANEXO 4. Escala de Otimismo	113
ANEXO 5. Measuring Child Resilience	115
ANEXO 6. Measuring State Resilience	117
ANEXO 7. Escala de Satisfação com o Suporte Social	119
ANEXO 8. Escala de Personalidade Criativa	121
ANEXO 9. Distribuição da amostra segundo a ocupação profissional anterior à reclusão	124

Índice de Tabelas

TABELA 5.1. Personalidade Criativa em função da Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	38
TABELA 5.2. Personalidade Criativa em função da Nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	39
TABELA 5.3. Personalidade Criativa em função das Habilitações literárias (médias, desvios-padrão e Teste t).	40
TABELA 5.4. Personalidade Criativa em função da Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	40
TABELA 5.5. Personalidade Criativa em função da Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).	41
TABELA 5.6. Personalidade Criativa em função da Situação penal (médias, desvios-padrão e teste t).	42
TABELA 5.7. Personalidade Criativa em função do Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	43
TABELA 5.8. Personalidade Criativa em função da variável Tempo de reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	43
TABELA 5.9. Personalidade Criativa em função das Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste t).	44
TABELA 5.10. Personalidade Criativa em função das Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste t).	45
TABELA 5.11. Personalidade Criativa em função das Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	45
TABELA 5.12. Personalidade Criativa em função das Atividades desportivas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	46

TABELA 5.13. Otimismo em função da variável Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	47
TABELA 5.14. Otimismo em função da variável Nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	48
TABELA 5.15. Otimismo em função da variável Habilitações literárias (médias, desvios-padrão e teste t).	49
TABELA 5.16. Otimismo em função da variável Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	49
TABELA 5.17. Otimismo em função da variável Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).	50
TABELA 5.18. Otimismo em função da variável Situação penal (médias, desvios-padrão e teste t).	51
TABELA 5.19. Otimismo em função da variável Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	51
TABELA 5.20. Otimismo em função da variável Tempo de reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	52
TABELA 5.21. Otimismo em função da variável Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste t).	53
TABELA 5.22. Otimismo em função da variável Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste t).	53
TABELA 5.23. Otimismo em função da variável Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	54
TABELA 5.24. Otimismo em função da variável Atividades desportivas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	54
TABELA 5.25. Resiliência em função da variável Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	56
TABELA 5.26. Resiliência em função da variável Nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	57

TABELA 5.27. Resiliência em função da variável Habilitações literárias (médias, desvios-padrão e teste t).	59
TABELA 5.28. Resiliência em função da variável Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	60
TABELA 5.29. Resiliência em função da variável Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).	61
TABELA 5.30. Resiliência em função da variável Situação penal (médias, desvios-padrão e teste t).	63
TABELA 5.31. Resiliência em função da variável Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	64
TABELA 5.32. Resiliência em função da variável Tempo de reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	65
TABELA 5.33. Resiliência em função da variável Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste t).	67
TABELA 5.34. Resiliência em função da variável Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste t).	68
TABELA 5.35. Resiliência em função da variável Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	69
TABELA 5.36. Resiliência em função da variável Atividades desportivas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	71
TABELA 5.37. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	73
TABELA 5.38. Satisfação com o Suporte Social em função da nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	74
TABELA 5.39. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Habilitações literárias (médias, desvios-padrão e teste t).	75
TABELA 5.40. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	76

TABELA 5.41. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).	77
TABELA 5.42. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Situação penal (médias, desvios-padrão e teste t).	78
TABELA 5.43. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).	79
TABELA 5.44. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Tempo de reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	80
TABELA 5.45. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste t).	81
TABELA 5.46. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste t).	82
TABELA 5.47. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	83
TABELA 5.48. Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades desportivas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).	84
TABELA 5.49. Coeficientes de correlação (r de Pearson) entre o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social.	87
TABELA 5.50. Coeficientes de correlação (r de Pearson) entre a Personalidade Criativa e o Otimismo.	88
TABELA 5.51. Coeficientes de correlação (r de Pearson) entre a Personalidade Criativa e a Resiliência.	88
TABELA 5.52. Coeficientes de correlação (r de Pearson) entre a Personalidade Criativa e a Satisfação com o Suporte Social.	89
TABELA 5.53. Modelo de regressão hierárquica múltipla da Personalidade Criativa.	90
TABELA 5.54. Modelo de regressão hierárquica múltipla da Resiliência.	92
TABELA 5.55. Modelo de regressão hierárquica múltipla do Otimismo.	93

INTRODUÇÃO

Já em 1961, Rhodes afirmou que os problemas da vida moderna imploravam por soluções criativas. No entanto, ainda existe muito trabalho a fazer nesse sentido. Podemos referir a título de exemplo as ideias de Sternberg (2006), que afirma que qualquer indivíduo pode decidir ser ou não criativo, optando por não o ser porque encontra custos demasiado elevados. Chama a atenção à sociedade que pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento da criatividade, aumentando as recompensas e diminuindo esses mesmos custos. Por outro lado, a importância do foco na prevenção remete-nos para o estudo de diferentes conceitos como a coragem, otimismo, perseverança, criatividade, esperança ou da espiritualidade (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

É aceite pela comunidade científica que a criatividade pode constituir um fator de desenvolvimento do potencial humano. É, da mesma forma, aceite que os estabelecimentos prisionais não garantem a reabilitação dos indivíduos como se desejaria, apesar dos esforços nesse sentido. Será possível que a criatividade possa constituir uma solução criativa, como refere Rhodes, para este problema? Seria ambicioso pretender responder a essa questão com o presente estudo. No entanto, espera-se que traga alguns indicadores neste sentido.

Outras questões foram levantadas, na origem desta investigação.

Ao analisar os estudos que procuram compreender a criatividade, podemos encontrar facilmente indicação de que a criatividade pode constituir um fator indicador de saúde mental e de proteção à psicopatologia. Por outro lado, ao estudar a criatividade encontramos nas suas particularidades paralelismos com o conceito de bem-estar. Poderemos potenciar o bem-estar através da criatividade? Ou apenas minimizar o mal-estar? Considerou-se pertinente contribuir para os importantes estudos feitos abordando o mal-estar com uma perspetiva diferente, podendo esta ser um complemento à anterior.

Optando por estudar a criatividade e o bem-estar na abordagem à problemática das prisões, estes dois conceitos são de alguma forma vastos e será necessário perceber quais as suas dimensões mais relevantes para este contexto.

A personalidade é um bom preditor de bem-estar (Burns & Machin, 2010). Por outro lado, a personalidade criativa tem vindo a ser o foco de interesse da investigação sobre a criatividade.

A par da personalidade, o ambiente onde o indivíduo está inserido é determinante para a definição do seu futuro. As prisões constituem um meio muito específico. No entanto, não podemos considerar apenas este fator, mas também fatores internos do indivíduo. Referimos a perspetiva e as crenças em relação ao futuro, o otimismo. Aliado ao otimismo, a projeção e

planeamento do futuro implica o estabelecimento de metas, um indicador de bem-estar. Desta forma, mostra-se relevante analisar a resolução criativa de problemas, definida como uma procura de formas originais para conseguir alcançar um objetivo cujos meios para consegui-lo não são evidentes (Brophy, 1998).

Ainda no que diz respeito ao meio e ao cumprimento de objetivos, é considerado um forte ato de resistência, não seguir pela via mais óbvia, que permite a recompensa imediata e o cumprimento de objetivos que dificilmente seriam atingidos pela via legal (Ventura, 1999). Neste sentido, podemos encontrar implícita a importância da resiliência. Seguir pela via menos óbvia remete-nos, ainda, para comportamentos de adaptação criativos.

A adaptação é um dos conceitos mais importantes na análise da criatividade (Cohen & Ambrose, 1999). É, paralelamente, um dos conceitos centrais nos estudos de Rui Abrunhosa Gonçalves, um dos autores que mais contribuiu para a investigação sobre a população reclusa e sistemas prisionais em Portugal.

A implicação do meio em todos estes conceitos alertou-nos para a satisfação com o suporte social.

Percebendo alguma complexidade na relação entre estes conceitos, elaborou-se uma revisão teórica sintética, focando os aspetos mais relevantes à compreensão deste estudo. Desta forma, aborda-se o conceito de criatividade e personalidade criativa. Posteriormente, o bem-estar e os indicadores escolhidos, o otimismo, a resiliência e a satisfação com o suporte social. Por último, pretende-se dar a conhecer a problemática referente à população prisional.

Posto isto, podemos iniciar a exposição do estudo empírico realizado.

O primeiro capítulo é dedicado à metodologia delineada e seguida ao longo do estudo realizado. São dados a conhecer os objetivos estabelecidos e as hipóteses previstas. De seguida é definido o tipo de estudo adotado e as suas particularidades. A fase posterior deste capítulo é centrada na amostra, na caracterização da mesma e no método de amostragem. Nos pontos seguintes, são apresentados os instrumentos utilizados na recolha de dados, o procedimento utilizado nessa mesma recolha e no tratamento dos dados. Segue-se a apresentação e discussão dos resultados. Por último, são expostas as principais conclusões, no que diz respeito aos resultados mais pertinentes e principais contributos, limitações do estudo e sugestão para estudos futuros.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1. PERSONALIDADE CRIATIVA

A compreensão da personalidade criativa passa inevitavelmente pelo estudo da criatividade, sendo impossível dissociar os dois conceitos. Desta forma, será importante conhecer de forma breve a evolução do conceito de criatividade e perceber de que forma nos remete para as particularidades da personalidade criativa.

Ao recuarmos na história, poderíamos afirmar que a criatividade era encarada como uma forma de loucura ou inspiração divina, possuída só por alguns indivíduos distintos. Para a evolução deste conceito, o contributo de Guilford é considerado pela grande maioria dos investigadores que se debruçam sobre a criatividade o mais marcante e impulsionador. No discurso de tomada de posse da presidência da Associação de Psicologia Americana, em 1950, Guilford alerta para como esta temática tem sido negligenciada e a importância que constitui para o desenvolvimento do potencial humano. Refere acreditar, ainda, ser possível o seu estudo em pessoas consideradas comuns. É a partir deste momento que começam a surgir um número mais avolumado de investigações neste campo.

Contudo, os estudos mostraram conceitos muito diversificados e muitas vezes contrários, sendo difícil um consenso a esse respeito.

Podemos fazer uma revisão breve e mencionar a criatividade como um mecanismo de defesa inconsciente aos impulsos sexuais, como afirmou Freud; uma cadeia de associação de ideias, considerando a proposta explicativa de Skinner; ou como busca pela autorrealização, perspectiva de Rogers ou Maslow. O último grande destaque foi para a criatividade enquanto pensamento divergente. (Wechsler, 1998).

Desta forma, a criatividade começa a ser estudada segundo um constructo unidimensional mas segundo diferentes perspectivas, apresentando a criatividade definições variadas.

Consciente da diversidade de conceitos, Rhodes (1961) analisa os vários estudos e conclui que as definições não se excluem mutuamente, pelo contrário, podem ser complementares. Neste sentido, Rhodes aborda a criatividade segundo quatro categorias distintas, que considera orientadoras do estudo da criatividade. Assim, para uma melhor compreensão da criatividade, o estudo da mesma deveria centra-se na *Pessoa* (através de

características como a personalidade, fatores motivacionais, cognitivos ou afetivos), no *Processo* (referente a questões como as etapas, estratégias e métodos), no *Produto* (considerando parâmetros para a avaliação do resultado do processo criativo) e no *Ambiente* (relativos aos fatores facilitadores ou inibidores da criatividade). Considerando que uma definição seria limitativa, o autor formula um sistema composto por elementos do conceito mais amplo e complexo que é a criatividade, nomeado de 4 P's da criatividade (referentes aos termos das categorias em inglês). É de acordo com esta perspectiva que os estudos passam a ser orientados.

Wechsler (1998), ainda recentemente aponta para a necessidade de mudar a tendência do estudo unidimensional da criatividade. Propõe uma abordagem ampla na qual devem ser consideradas as variadas interações entre as habilidades cognitivas, as características da personalidade e os elementos ambientais. Considera que, só deste modo, se pode compreender aspetos pessoais, profissionais e transcendentais do desenvolvimento humano. Acrescenta, ainda, a necessidade de compreender os aspetos culturais que influenciam a expressão da criatividade e traços universais que possam explicar melhor este constructo.

No esforço de uma abordagem mais ampla para compreensão deste conceito tão complexo, foram elaborados os modelos abaixo sintetizados.

MODELO COMPONENTIAL DA CRIATIVIDADE DE AMABILE

Amabile (1996) considera que o processo criativo depende de fatores cognitivos, de personalidade e principalmente motivacionais e sociais. Desta forma, a criatividade depende da interação entre as *aptidões relevantes para o domínio* (conhecimentos e competências técnicas); as *competências criativas relevantes* (personalidade, hábitos de trabalho, estilos cognitivos, tolerância à ambiguidade); e a *motivação intrínseca* (envolvimento, satisfação, autodeterminação). Este processo segue cinco estágios distintos: o indivíduo motivado identifica um problema com valor para ser selecionado; o indivíduo recolhe ou constrói informações relevantes para a solução do problema; o indivíduo gera uma resposta original; o indivíduo avalia, valida e comunica o resultado; por ultimo o indivíduo comunica o resultado depois julgado socialmente (Amabile, 1996).

PERSPECTIVA DE SISTEMAS DE CSIKSZENTMIHALYI

Segundo Csikszentmihalyi (1996) a criatividade é o resultado da interação entre o pensamento do indivíduo e o contexto sociocultural em que este se insere. Desta forma, a criatividade é um processo sistémico que resulta da intersecção de três fatores: o indivíduo (genética e experiências pessoais); o domínio (a cultura, área de conhecimento); e o campo (sistema social que é juiz). As características associadas à criatividade para este autor, além da influência dos seus antecedentes sociais e culturais, a curiosidade, entusiasmo, motivação intrínseca, abertura a experiências, persistência, fluência de ideias e flexibilidade de pensamento (Csikszentmihalyi, 1999).

TEORIA DO INVESTIMENTO EM CRIATIVIDADE DE STERNBERG E LUBART

Considera-se que a Teoria do Investimento em Criatividade de Sternberg e Lubart (1991) integra e sistematiza o modelo de Amabile e de Csikszentmihalyi.

Para melhor entendimento desta teoria, os autores utilizam a metáfora do investimento, no sentido de que as pessoas criativas são capazes de “comprar barato e vender caro no mundo das ideias”, ou seja, os indivíduos criativos percebem as potencialidades de algumas ideias desenvolvem-nas e, quando o resultado se torna valioso “vendem-no” e partem para novo projeto.

Sternberg e Lubart (1999) consideram seis áreas distintas relevantes na produção criativa: a *inteligência* (capacidade analítica, de redefinição do problema e persuasão); os *estilos intelectuais* (legislativo, formulação de problemas; executivo, implementação de ideias; e judiciário, avaliação de pessoas ou produtos); o *conhecimento* (formal, através do ensino ou informal, através da dedicação); a *personalidade* (predisposição para correr riscos e perseverança perante os obstáculos, autoconfiança, tolerância à ambiguidade, coragem para expressar ideias novas e um certo grau de autoestima); a *motivação* (interacção entre a intrínseca e a extrínseca); e o *contexto ambiental* (promotor ou inibidor).

Considerando os modelos anteriores, pode afirmar-se uma mudança na perspectiva individualista da criatividade para o resultado da interação com o ambiente. Morais (2001) considera o contexto de grande importância sendo este facilitador ou bloqueador do desenvolvimento da criatividade. Acrescenta, ainda, que é determinante ao nível da

motivação, nos meios, na comunicação do produto criativo e na aceitação e impacto do mesmo. A interação dinâmica entre o indivíduo e o meio ambiente pode mesmo ser considerada uma das questões mais importantes na análise da criatividade (Cohen & Ambrose, 1999). Dessa forma, mostra-se relevante abordar, entre outros conceitos, a adaptação.

Adaptação é o processo pelo qual o indivíduo: se ajusta para se adequar às condições ambientais através da conformidade; ou aplica a experiência para a utilização ou a seleção de um ambiente vantajoso a nível pessoal, movendo-se de um ambiente para outro mais adequado a sua ou suas habilidades ou preferências; ou modifica o ambiente em resposta a suas necessidades e desejos (Cohen & Ambrose, 1999).

Cohen & Ambrose (1999) distinguem dois tipos de criatividade. Por um lado, a criatividade de que resultam produtos ou performances de pessoas que dominam um campo ou campos em níveis muito elevados, onde a criatividade passa pela extensão ou transformação desses campos, normalmente associada à idade adulta, nomeada de Criatividade Madura. Por outro lado, a Criatividade Mundana. Este último tipo de criatividade não resulta em produtos ou performances que são raras ou de valor para o mundo, mas apenas novos para o indivíduo e, possivelmente, os pares. No que diz respeito à criatividade madura, esta refere-se tanto a uma transformação externa em determinado campo como a uma transformação interna do próprio indivíduo. A adaptação é evidente em ambos os tipos de transformação. Assim, os criadores maduros adaptam-se de ambas as formas, modificam o ambiente para este responder aos seus esquemas e teorias e modificam-se para serem capazes de estar em harmonia com o ambiente (Cohen & Ambrose, 1999).

Criatividade implica uma mudança no contexto, que permite ao criador ver o mundo de uma maneira nova. Neste processo, as ligações entre a nova e as velhas perspetivas não são diretamente perceptíveis (Cohen & Ambrose, 1999)..

A adaptação pode dificultar ou servir de suporte à criatividade, dependendo da situação. Por um lado, a adaptação pode estar fortemente ligada à conformidade com um ambiente circunscrito que suprime a criatividade. Por outro lado, a adaptação pode corresponder a um ajuste criativo do indivíduo às mudanças subtis do meio. Contudo, na maioria das vezes, considerando o mundo complexo em que vivemos, uma adaptação criativa envolve uma moldagem entre o indivíduo e meio ambiente, numa influência mútua (Cohen & Ambrose, 1999).

Contudo, considerando a dinâmica entre o indivíduo e o meio, os adultos devem adaptar-se ao ambiente, tanto como devem incitar o meio que os rodeia a adaptar-se às suas ideias e os produtos. Pelo contrário, para as crianças e para os jovens é mais vantajoso centrarem-se na sua adaptação ao ambiente, exercendo menos influência sobre esse. Ambas estas formas de adaptação envolvem o pensamento criativo (Cohen & Ambrose, 1999).

As definições de adaptação são influenciadas por diferenças entre a resolução de problemas e a criatividade. A resolução de problemas e criatividade têm como ponto de partida comum a contradição de um problema. Ambas igualmente exigem conhecimento, motivação, repetição, e descoberta de combinações originais. Mas a resolução de problema e a criatividade são diferentes na duração e no efeito, externamente e internamente. Ainda, a resolução de problemas pode ser explicada por processos contínuos e mais diretos do que a criatividade, que envolve uma descontinuidade com processos anteriores (Cohen & Ambrose, 1999).

A resolução criativa de problemas é definida por Brophy (1998) como uma procura de formas originais para conseguir alcançar um objetivo cujos meios para consegui-lo não são evidentes. Estuda este conceito em grupos, considerando que dependendo do indivíduo se encontram processos para a resolução de problemas diferentes, e que será benéfico para os grupos estimular a criatividade no sentido de resolver problemas comuns. Assim, encontram-se grupos mais aptos para a resolução de determinados tipos de problemas.

Ainda neste sentido, considerando que diferentes indivíduos obtêm diferentes soluções para problemas semelhantes, foram distinguidos *adaptadores* e os *inovadores*, os primeiros mais cautelosos e realistas, desafiando as regras apenas mediante um bom suporte, e os segundos mais indisciplinados, aproximando-se de soluções mais inesperadas (Kirton, 1976).

A criatividade é a capacidade de transcender as formas tradicionais de pensar para gerar ideias, métodos e formas que sejam significativos e novos para os outros. Existe um contínuo tanto dentro como entre os indivíduos (Levy & Langer, 1999).

Ou seja, a criatividade não só difere ao longo do tempo de acordo com o desenvolvimento do indivíduo, como também difere entre indivíduos devido às diferenças de personalidade e diferenças na forma de interação com o meio ambiente (Levy & Langer, 1999).

O grau de criatividade varia de acordo com a idade. As crianças pequenas em jogos tendem a ser muito criativas, não tendo, ainda, interiorizado muitas das regras socialmente transmitidos e que podem limitar a criatividade. Aqueles que permanecem criativos na vida

adulta já internalizado muitas normas sociais. Portanto, ao contrário das crianças, estes indivíduos conhecem as regras sociais, no entanto, rejeitam algumas dessas normas deliberadamente. Neste sentido, pode ser mais fácil de ser criativo depois de adquirir formação relevante em determinada área, sabendo que princípios rejeitar ou alterar. Por outro lado, o desenvolvimento ao longo da vida pode produzir novas perspectivas que promovem a criatividade (Levy & Langer, 1999).

Levy & Langer (1999) nomeiam três fatores decisivos para a criatividade: a abertura a novas ideias; a assertividade e a atenção focada; e o suporte social.

A abertura a novas ideias, implicando capacidade de interrogação e tolerância à incerteza, é uma característica essencial para a promoção da criatividade. Essencialmente, é a incerteza que conduz à necessidade de escolha. A escolha, por seu turno, promove a consciência, que abre o caminho para a criatividade. Certeza, por outro lado, não fomenta a motivação para explorar o alvo da incerteza e para criar algo novo (Levy & Langer, 1999).

A abertura para novas ideias ajuda na geração de ideias criativas. Por outro lado, para traduzir essas mesmas ideias criativas em produtos, é necessário para estes indivíduos a capacidade de focar a sua atenção nessa produção. Este processo de criação requer, muitas vezes, que os indivíduos sejam assertivos, essencialmente quando se trata da gestão do seu tempo (Levy & Langer, 1999).

A par da abertura para novas ideias e da capacidade de atenção e assertividade para transformar essas ideias em produtos, o meio ambiente pode ter uma forte influência no processo criativo. Desta forma, é necessário um ambiente que propicie a criação. As expectativas da sociedade e das instituições em que o indivíduo se insere podem promover ou inibir a criatividade (Levy & Langer, 1999). Como exemplos de meios que não favorecem a criatividade, Levy & Langer (1999) referem os estereótipos a que estão sujeitos mulheres e idosos em determinadas sociedades. As mulheres devem cuidar da família, abdicando da carreira, tal como o envelhecimento se associa à senilidade e declínio da capacidade produtiva. Isto pode levar a uma queda na motivação e um aumento dos obstáculos para a produtividade criativa (Levy & Langer, 1999).

CAPÍTULO 2. BEM-ESTAR

O bem-estar subjetivo divide-se em três dimensões distintas, contudo interdependentes, a bem-estar psicológico, o bem-estar social e o bem-estar emocional. Para uma melhor compreensão destas dimensões dar-se-á particular atenção a cada uma delas em seguida.

O bem-estar psicológico prevê autoaceitação por parte do indivíduo. Desta forma, o indivíduo necessita de conhecer e aceitar diferentes aspetos do *self* e ter um sentimento positivo sobre o seu passado. O crescimento pessoal está também inerente a esta dimensão. O indivíduo deve sentir continuidade no desenvolvimento do seu potencial e estar aberto a novas experiências. Considera-se, ainda, importante que o indivíduo possua objetivos que demarquem uma direção e um propósito para a sua vida. O sentimento de competência em lidar com a complexidade do meio aparece como outra característica relevante. Surge, ainda, o conceito de autonomia, segundo o qual o indivíduo é autodeterminado, independente e resiste às pressões do meio para pensar e agir de determinada forma. Por último, esta dimensão integra uma relação positiva com os outros, possuindo relações de confiança, capacidade de empatia, afeto e intimidade (Keyes & Waterman, 2003).

O bem-estar social implica que o indivíduo tenha uma atitude de aceitação perante o outro e o meio em geral. Por outro lado, deve acreditar na sociedade e envolver-se de forma positiva, pensando que esta pode permitir a realização do seu potencial. No mesmo sentido, deve sentir que tem um contributo a dar à sociedade e que as suas atividades diárias têm valor na sua comunidade. A par destas características, o indivíduo necessita de compreender o meio e considera-lo lógico e previsível. Finalmente, o bem-estar social pressupõe que o indivíduo sinta que pertence à comunidade (Keyes & Waterman, 2003).

O bem-estar emocional relaciona-se com a experiência de afetos positivos como entusiasmo e alegria. Nesse sentido, não experimentar afetos negativos que sugerem que a vida é desagradável. Esta dimensão implica, ainda, satisfação em relação à vida. Assim, o indivíduo sente-se contentado com as discrepâncias entre aquilo que tem e precisa para sua realização pessoal. Refere-se, por fim, um sentimento geral de prazer e alegria (Keyes & Waterman, 2003).

Ferguson e Goodwin (2010) consideram como preditores do bem-estar o otimismo, a percepção de suporte social e percepção de controlo.

OTIMISMO, RESILIÊNCIA E SUPORTE SOCIAL

Existem diferentes abordagens ao estudo do otimismo. O otimismo pode ser entendido através dos estilos de atribuição causal, no qual o indivíduo explica acontecimentos negativos anteriores através de causas exteriores e de tempo limitado. Por outro lado, o otimismo pode ser definido como uma expectativa relativamente estável, ao longo do tempo e em diferentes situações. Assim, o otimismo disposicional é uma tendência para manter expectativas positivas numa variedade de domínios da vida (Wrosch & Scheier, 2003).

Ao encontro deste conceito, o otimismo segundo uma definição corrente de Tiger (p.18, citado por Oliveira, 2004), é como "uma disposição ou atitude associada a uma expectativa sobre o futuro material ou social que o avaliador olha como socialmente desejável para o seu proveito ou prazer". Assim, o otimismo é visto como uma característica cognitiva (um objetivo, uma expectativa, uma crença ou uma atribuição causal) em relação ao futuro desejado e sentido como sucesso. Contudo, não advém unicamente da inteligência ou da cognição, tendo uma forte componente emocional e motivacional (Carver & Scheier, citado em Oliveira, 2004). O Otimismo é, então, uma característica ou dimensão importante da personalidade e mais em concreto um estilo cognitivo-afetivo sobre como o sujeito processa a informação quanto ao futuro (Oliveira, 2004).

O otimismo faz, na sua maioria, parte da natureza humana. No entanto, apesar da tendência para o Otimismo ser hereditária, depende muito da idiosincrasia de cada indivíduo, da educação e do ambiente que o rodeia. Assim sendo, o otimismo também pode ser aprendido. Pretende-se um Otimismo não a todo o custo nem ilusório, mas realista e flexível (Oliveira, 2004).

A importância do Otimismo reflete-se na saúde física e psíquica, tanto como no sucesso profissional do indivíduo. Por outro lado, a depressão é uma psicopatologia muito corrente. Assim, o Otimismo pode ter um contributo benéfico para a saúde pessoal e social (Seligman, citado em Oliveira, 2004).

Por um indivíduo otimista entende-se uma pessoa sociável, com sentido de eficácia pessoal e objetivos precisos na vida, supera bem insucessos, demonstra internalidade no que

diz respeito ao *locus* de controlo e às atribuições, perseverança, responsabilidade, sentido de humor e realismo (Oliveira, 2004).

É, ainda, importante questionar como conservar o otimismo perante a adversidade (Oliveira, 2004). No que diz respeito ao Otimismo ser um traço estável da personalidade ou um estado mais ou menos passageiro, Oliveira (1998) defende que o Otimismo deve ser concebido como uma característica mais ou menos estável do indivíduo, que tende a prevalecer mesmo em situações adversas.

Desta forma, Oliveira (1998) define o Otimismo como uma característica da personalidade, um estilo cognitivo segundo o qual o indivíduo processa a informação relativa ao futuro ou como uma expectativa de um resultado positivo. De outro modo, o otimismo é uma dimensão da personalidade que se distingue por um estilo cognitivo próprio aquando do processamento da informação sobre o futuro generalizado ou sobre um resultado (Oliveira, 1998).

Num estudo com estudantes universitários, levado a cabo por Chang (1998), que correlacionava o otimismo, o *coping* e a adaptação física e psicológica, verificou-se que o Otimismo seria um bom preditor da adaptação (Chang, 1998). No mesmo sentido, Scheier & Carver (1992) afirmam que o otimismo está relacionado com o bem-estar subjetivo, o bem-estar físico, com o *coping*, moderando a relação entre a personalidade e a saúde, contribuindo para hábitos saudáveis.

A visão positiva do futuro exige uma avaliação positiva da interação o indivíduo e o ambiente, ou uma crença relativamente forte de uma melhoria. Para manter essas crenças, o indivíduo não acredita apenas nas suas competências pessoais como, também, na capacidade do seu meio para lhe proporcionar o apoio necessário (Karademas, 2006). Neste sentido, um estudo de Karademas (2006), indica que o otimismo é mediador da relação entre autoeficácia e suporte social percebido em relação ao bem-estar. Por outro lado, outros estudos encontram o suporte social percebido como mediador entre o otimismo e o bem-estar, considerando o otimismo preditor do bem-estar (Ferguson & Goodwin, 2010; Carver, Scheier, & Segerstrom, 2010).

Os mesmos resultados têm sido encontrados para a resiliência e o suporte social.

Os fatores de Resiliência promovem o *coping*, controlam o stresse e atuam como mediadores na saúde mental e emocional na presença de acontecimentos stressantes da vida (Martins, 2000). No mesmo sentido, existe uma forte associação entre o suporte social e o

bem-estar. Como, da mesma forma, aparece associado à saúde como um fator de cura (Kahn, Hessling, & Russell, 2003).

Considerando a criatividade e a resiliência como importantes características pessoais, que, aliadas, poderiam ser utilizadas pelo indivíduo como recursos para a busca de respostas mais eficazes e soluções mais adaptadas na presença de um ambiente desfavorável, consideradas mecanismos favoráveis ao desenvolvimento sadio do indivíduo (Oliveira & Nakano, 2011).

A investigação clássica sobre a Resiliência começa por focar o desenvolvimento da competência, confiança e cuidados básicos a serem tomados em contextos de risco e adversidade mas, progressivamente, para além da teoria dos traços da Resiliência, incide no constructo da Resiliência como um processo de desenvolvimento dinâmico (Werner, citado em Martins, 2000). Desta forma, de acordo com esta nova corrente, importa considerar a rede das relações entre risco e fatores de Resiliência, as condições nas quais a Resiliência é melhor atingida e os riscos mais moderados (Martins, 2000).

Segundo Werner (citado em Martins, 2000), o desenvolvimento da Resiliência pode iniciar-se até ao final da infância. Nos adultos, os traços característicos podem ser distinguidos em termos da sua intensidade, dependendo do facto de serem “*estados*” dominantes no momento atual (*State-Resilience*) ou se foram desenvolvidos desde a infância (*Trait-Resilience*) (Martins, 2000).

CAPÍTULO 3. POPULAÇÃO RECLUSA

Goffman (1990, citado por Silva & Gonçalves, 1999) definiu as instituições totais como locais onde um grupo de indivíduos, em situação semelhante, reside e trabalha, separados por tempo prolongado da sociedade, com um quotidiano fechado e formalmente administrado. Os estabelecimentos prisionais são definidos como uma instituição total, constituindo para o indivíduo uma rutura com quase tudo o que faziam na sociedade exterior.

Enquanto reclusos, os indivíduos são obrigados a coabitar com outros e, com estes, a realizar todas as suas atividades diárias, de acordo com horários fixos. Desta forma, o quotidiano dos reclusos rege-se por um conjunto de regras impostas e formalmente regulamentadas. Assim, “o recluso não é dono do seu tempo, do seu espaço, nem dos seus gestos, perdendo, conseqüentemente, a sua identidade” (Silva & Gonçalves, 1999, p.249). A perda de identidade é agravada pela sobrelotação, um problema comum nas prisões portuguesas. É importante, ainda, referir outros problemas originados pela sobrelotação, como a falta de condições de habitabilidade, a falta de oportunidade de trabalhar, falta de espaço para praticar desporto e outras atividades. Estes fatores contribuem fortemente para o desgaste das instalações, a desordem e a indisciplina. Apesar das conseqüências negativas evidentes da sobrelotação para os reclusos, a dificuldade em dar resposta a este problema pelos serviços prisionais, tanto a nível material como humano, sujeita os técnicos, os funcionários e os guardas a uma sobrecarga de trabalho que pode gerar elevados níveis de stress. É, ainda, nos estabelecimentos prisionais mais sobrelotados que as taxas de reincidência são mais elevadas. Este facto pode ser explicado pela facilidade da ocorrência do efeito da criminalização, a par da dificuldade na implementação de estratégias de reabilitação, onde a preocupação principal é a segurança e controlo dos reclusos (Silva & Gonçalves, 1999).

Ventura (1999) refere que condições precárias de subsistência, aliadas ao sentimento de exclusão e segregação social promovem e catalisam a delinquência, constituindo esta relação já um dogma atual e irrefutável. Desta forma, o ambiente onde o indivíduo está inserido é determinante para a definição do seu futuro. Será, portanto, um forte ato de resistência ao meio, não seguir pela via mais óbvia, que permite a recompensa imediata e o cumprimento de objetivos que dificilmente seriam atingidos pela via legal (Ventura, 1999).

Para além do efeito de criminalização e despersonalização, este contexto influencia o indivíduo noutros sentidos.

Um estudo de Eisenman indica que os reclusos são pouco criativos. No entanto considera que pessoas criativas podem necessitar de trabalhar livres de uma estrutura autoritária e de controlo (Eisenman, 1999).

Contudo, outras investigações consideram os reclusos criativos. É, ainda, possível considerar uma criatividade malévola.

Considerando a criatividade como o romper com padrões estabelecidos, o criador é frequentemente visto pela sociedade como um rebelde e um desviante. Criatividade e desvio são, em muitos aspectos sinónimos. O criador deve se revelar contra, contradizer, e negar formas estabelecidas de pensar (Brower, 1999).

Brower (1999) refere, como exemplo, Henry David Thoreau, Martin Luther King, Jr., Thomas More, Sócrates, Galileu, Jesus Cristo, e Joan d'Arc, imortalizados em livros, em feriados nacionais, em filmes, que foram presos ou condenados à morte pela sociedade. São individualidades que quebraram as normas sociais ao serviço de novas ideias.

Não quer com isto afirmar-se que todos os indivíduos presos são criativos. Há uma diferença fundamental entre um rebelde criativo e revolucionário destrutivo. Um rebelde substitui velhas formas de fazer as coisas. Um revolucionário tem a intenção de destruição, de derrubar e ter poder (Brower, 1999).

Por outro lado, os indivíduos podem ser criativos no que diz respeito à criminalidade, mas incrivelmente não criativos na maioria dos outros aspectos da vida, incluindo na área cognitiva e áreas sociais, onde eles têm formas rígidas de pensar e relacionar com os outros (Eisenman, *Malevolent Creativity in Criminals*, 2008).

Assim, a criatividade não é apenas boa. Existe a criatividade que é útil para a sociedade mas há também a criatividade malévola.

Mesmo criatividade útil pode conduzir a indesejados efeitos colaterais (Eisenman, *Malevolent Creativity in Criminals*, 2008).

Embora a criatividade seja muitas vezes vista como um aspeto de auto-realização, é importante reconhecer seus efeitos sociais. Aqueles que desejam fazer mal aos outros deliberadamente podem também mostrar-se criativo, através da criatividade malévola. Esta é regulada pelos mesmos princípios que a criatividade benevolente, diferindo apenas a sua finalidade (Cropley, Kaufman, & Cropley, 2008).

Criatividade pode ser utilizada para fins positivos ou negativos. As pessoas criativas podem usar as suas mentes criativas para gerar produtos positivos ou canalizar a criatividade para resultados sinistros. Muitas vezes, esta avaliação do positivo e negativo passa pelo julgamento social e cultural (Spooner, 2008).

ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO 4. METODOLOGIA

Introdução

Este capítulo é dedicado à metodologia delineada e seguida ao longo do estudo empírico realizado.

No primeiro ponto são dados a conhecer os objetivos estabelecidos para a presente investigação e as hipóteses previstas para os resultados a obter na mesma.

Com vista ao cumprimento desses objetivos e verificação dessas mesmas hipóteses, de seguida é eleito e explanado o desenho do estudo, com o intuito de definir o tipo de estudo adotado e as suas particularidades.

A fase posterior deste capítulo é centrada na amostra sobre a qual o estudo será desenvolvido. Neste ponto, é exposto o método de amostragem utilizado e é caracterizada a amostra, de acordo com alguns elementos sociodemográficos e alguns dados relativos à situação jurídico-penal dos participantes.

No ponto seguinte, são apresentados os instrumentos utilizados na recolha de dados.

Por fim, é descrito o procedimento utilizado na recolha dos dados e no tratamento dos mesmos.

1. Objetivos e hipóteses de investigação

1.1. Objetivos da investigação

O presente trabalho de investigação tem como objetivo principal estudar a personalidade criativa e eventuais relações com o bem-estar da população reclusa algarvia. Considerando três variáveis de bem-estar, nomeadamente o otimismo, a resiliência e a satisfação com o suporte social, e atendendo ao objetivo central deste estudo, pretende-se:

- 1- Analisar a personalidade criativa, o otimismo, a resiliência e a satisfação com o suporte social dos reclusos;
- 2- Averiguar eventuais diferenças na personalidade criativa, no otimismo, na resiliência e na satisfação com o suporte social em relação aos grupos que caracterizam os reclusos;
- 3- Averiguar eventuais associações entre a personalidade criativa, o otimismo, a resiliência e a satisfação com o suporte social com as variáveis que caracterizam os reclusos;
- 4- Analisar a associação entre a personalidade criativa e o otimismo, na população reclusa;
- 5- Analisar a associação entre a personalidade criativa e a resiliência, na população reclusa;
- 6- Analisar a associação entre a personalidade criativa e a satisfação como suporte social, na população reclusa;
- 7- Conhecer as variáveis predictoras da personalidade criativa, na população reclusa;
- 8- Analisar o efeito predictor da personalidade criativa face ao bem-estar da população reclusa, concretamente face ao otimismo, à resiliência e à satisfação com o suporte social.

1.2. Hipóteses de investigação

- H1. A personalidade criativa relaciona-se positivamente com o otimismo;
- H2. A personalidade criativa relaciona-se positivamente com a resiliência;
- H3. A personalidade criativa relaciona-se positivamente com o suporte social;

2. Desenho do Estudo

O estudo desenvolvido define-se enquanto um estudo quantitativo, tipo correlacional, e com um desenho transversal.

Considerando o plano correlacional do estudo, serão analisadas relações entre variáveis, presumidas com base em trabalhos de investigação anteriores ou apoiadas em bases teóricas, será também verificada a natureza (força e direção) dessas mesmas relações (Fortin, 2003).

3. Amostra

Eleita a população reclusa do Algarve como objeto de estudo, a amostra foi recolhida nos três Estabelecimentos Prisionais existentes na região, nomeadamente o Estabelecimento Prisional Regional de Faro, o Estabelecimento Prisional Regional de Olhão e o Estabelecimento Prisional Regional de Silves.

A amostra é constituída por 106 reclusos do sexo masculino (não existindo estabelecimentos prisionais femininos na região do Algarve). Desta amostra, 65 reclusos (61,3%) pertencem ao Estabelecimento Prisional Regional de Faro; 22 reclusos (20,8%) ao Estabelecimento Prisional Regional de Olhão; e 19 (17,9%) ao Estabelecimento Prisional Regional de Silves.

3.1. Método de amostragem

A amostra do presente estudo é uma amostra probabilística, tendo sido selecionada através da técnica de amostragem aleatória simples. Contudo, a listagem dos reclusos só pode estar na posse dos funcionários dos Estabelecimentos Prisionais e é expressamente proibido o acesso da mesma a indivíduos externos ao Estabelecimento Prisional. Desta forma, foi solicitado aos técnicos de reeducação que, da listagem dos reclusos por número mecanográfico e nome, selecionassem aleatoriamente os sujeitos a participar no estudo, tendo sido essa seleção controlada apenas pelos mesmos.

3.2. Caracterização da amostra

A caracterização da amostra baseou-se na informação recolhida através do questionário sociodemográfico. Este é composto, inicialmente, por questões que pretendem obter dados relativos à idade, à nacionalidade, às habilitações literárias e à profissão. Assim, a amostra começou por ser caracterizada segundo estes parâmetros.

O questionário foi formulado, ainda, com o intuito de conhecer a situação jurídico-penal dos sujeitos. Desta forma, questiona sobre o tempo de pena a que o sujeito foi condenado e sobre o tempo de pena que falta cumprir. Os sujeitos que responderam a estas duas questões foram considerados na caracterização da amostra como condenados. No caso

nos sujeitos preventivos, foi solicitado que o assinalassem no espaço destinado a indicar o tempo de pena. No que diz respeito ao tempo de pena que falta cumprir, essa informação foi tratada enquanto tempo de pena cumprido até ao momento. Ainda neste ponto, foi tratada a informação relativa à reincidência.

O questionário pretendeu, ainda, averiguar que atividades os sujeitos desenvolviam no estabelecimento, sendo o último ponto abordado na caracterização da amostra.

3.2.1. Caracterização sociodemográfica.

IDADE

A amostra é constituída por 106 sujeitos com idades compreendidas entre os 18 e os 66 anos ($M=34,13$; $DP=9,911$). A idade mais representada são os 27 e 28 anos, com 14 sujeitos cada.

NACIONALIDADE

A amostra é constituída maioritariamente por portugueses (73,6%), perfazendo um total de 78 sujeitos. Desta forma, apenas 28 dos sujeitos (26,4%) têm nacionalidade estrangeira. A nacionalidade estrangeira mais frequente é a romena, com 8 sujeitos. Segue-se a brasileira, com 4 sujeitos. A nacionalidade guineense e angolana estão representadas por 3 sujeito cada. Com 2 sujeitos encontra-se a nacionalidade cabo-verdiana, marroquina e moldava. Foram, ainda, identificadas a nacionalidade ucraniana, a espanhola, a russa e a francesa, representadas por 1 sujeito cada.

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

O maior grupo da amostra, no que diz respeito às habilitações literárias, pertence aos 33 sujeitos que possuem o 3.º ciclo (31,1%). No entanto, com apenas menos 1 sujeito, 30,2% da amostra possui o ensino secundário. Seguidamente, 24 sujeitos possuem o 2.º ciclo (22,6%). Existem 9 sujeitos com o 1.º ciclo (8,5%). Com o ensino superior existem 4 sujeitos (3,8%), o mesmo número de sujeitos que apenas sabem ler e escrever.

PROFISSÃO

Os dados relativos à profissão foram categorizados de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (CNP) de 2010. Foram, ainda, criadas a categoria “estudantes”, a

categoria “desempregados”, a categoria “reformados”, a categoria “sem profissão” e a categoria “outras” para as que não foram possíveis de identificar.”. No que diz respeito à categoria “desempregados”, esta foi criada porque existiram sujeitos que indicaram ser desempregados quando questionados sobre a sua profissão. No entanto, não podemos conhecer a profissão desses indivíduos, nem saber se os sujeitos que indicam a sua profissão estavam desempregados no momento anterior à reclusão.

O grupo de profissões mais representado na amostra diz respeito à categoria “trabalhadores qualificados da construção e similares, exceto eletricista”¹, com 24 sujeitos (22,6%). Segue-se a categoria “sem profissão”, com 17 sujeitos (16%). Representando 9,4% da amostra, à categoria “trabalhadores dos serviços sociais”² pertencem 10 sujeitos (Anexo 9).

3.2.2. Caracterização da situação jurídico-penal.

A amostra é constituída por 39 sujeitos reincidentes (36,8%) e por 67 sujeitos primários (63,2%).

A amostra é composta por 61 sujeitos condenados (57,5%) e 45 em situação preventiva (42,5%).

O tempo de pena atribuído aos sujeitos condenados da amostra varia dos 3 meses e meio aos 25 anos. A média do tempo de pena é de 5,3 anos, o que significa que em média os sujeitos condenados da amostra estão condenados a cumprir 5 anos e dois meses e meio de pena de prisão. No que diz respeito à moda, as penas mais atribuídas são as de 5 anos de prisão, existindo 10 sujeitos com esta condenação (16,4% da amostra de sujeitos com condenação).

Na amostra existem 7 sujeitos com pena até 1 ano (11,5% dos condenados). Com mais de 1 anos e até 5 anos de pena, existem 32 sujeitos na amostra, constituindo 52,5% da amostra de sujeitos condenados. No intervalo entre mais de 5 anos e até aos 10 anos de pena, identificam-se 17 sujeitos, representando 27,9% da amostra de sujeitos condenados. Com

¹ Na categoria “trabalhadores qualificados da construção e similares, exceto eletricista” foram incluídas as seguintes respostas dos sujeitos quanto à sua profissão: “servente de pedreiro”; “cimenteiro”; “pintor da construção civil”; “canalizador”; “pedreiro”; “construção civil”; “carpinteiro”; “estucador”; “impermeabilizador”; “armador de ferro”; “tetos falsos”; e “técnico A.V.A.C.”.

² Na categoria “trabalhadores dos serviços sociais” foram incluídas as seguintes respostas dos sujeitos quanto à sua profissão: “empregado de bar”; “empregado de mesa e de balcão”; “cabeleireiro”; “pizeiro”; “cozinheiro”; e “bartender”.

pena superior a 10 anos encontram-se presentes na amostra apenas 5 sujeitos (8,2% da amostra de sujeitos condenados).

3.2.3. Ocupação no estabelecimento prisional.

A ocupação no estabelecimento prisional refere-se às atividades desenvolvidas pelos reclusos no estabelecimento prisional, categorizadas em quatro grupos: atividades formativas, atividades laborais; atividades lúdico-pedagógicas e recreativas; e atividades desportivas.

Encontram-se presentes na amostra 58 (54,7%) de reclusos que frequentam atividades formativas. Ao grupo que não frequenta pertencem 48 (45,3%) sujeitos.

No que diz respeito às atividades laborais, 35 (33%) dos participantes trabalha e 71 (67%) não exerce qualquer tipo de função no estabelecimento prisional.

A participação em atividades lúdico-pedagógicas e recreativas são indicadas por 11 (10,4%) reclusos. Não é referido este tipo de atividades em 95 (89,6%) dos sujeitos.

Por último, considerando as atividades desportivas, existem 10 (9,4%) sujeitos que exercem e 96 (90,6%) que não referem praticar.

4. Instrumentos de recolha de dados

Os dados da amostra foram colhidos com recurso à aplicação de um questionário e de cinco diferentes escalas de avaliação.

Para a informação referente aos dados sociodemográficos e situação jurídico-penal dos elementos da amostra foi construído e aplicado um questionário nomeado de “Questionário Sociodemográfico”. A variável correspondente à personalidade criativa foi medida com recurso à “Escala de Personalidade Criativa” de Jesus (2011). Para medir o otimismo foi eleita a “Escala de Otimismo” de Oliveira (1998). A resiliência foi avaliada através da escala “Measuring State and Child Resilience”, composta pela “Measuring Child Resilience” que avalia a resiliência percebida na infância e a “Measuring State Resilience” que avalia a resiliência percebida no momento atual. Por último, para a variável respeitante ao suporte social foi escolhida como medida a “Escala de Satisfação com o Suporte Social” de Ribeiro (1999).

4.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (Anexo 3) foi construído com vista à obtenção de dados relativos à idade dos participantes, à nacionalidade, às habilitações literárias, à profissão, ao tempo de pena atribuído ao participante, ao tempo de pena que falta cumprir, à reincidência e às atividades que os mesmos desenvolvem no estabelecimento prisional.

A questão inicial é relativa à idade do participante, seguida da nacionalidade. Na terceira questão pede-se ao participante que escolha, entre “Ler e Escrever”, “1.º ciclo”, “2.º ciclo”, “3.º ciclo”, “Ensino Secundário” ou “Ensino Superior”, a opção que corresponde às suas habilitações literárias. Na sequência, é solicitado que o participante indica a sua profissão.

No ponto seguinte, o questionário é direcionado para os dados relativos à situação jurídico-penal dos participantes. Aqui, o participante é questionado sobre o tempo de pena que lhe foi atribuído e o tempo que ainda falta cumprir para terminar a pena. Seguidamente, com a questão “Já estive preso antes?”, pede-se ao participante que indique se é ou não reincidente, assinalando um das opções de resposta “Sim” ou “Não”.

Por fim, questiona sobre as atividades desenvolvidas nos Estabelecimentos Prisionais pelos participantes, com 6 opções de resposta, sendo permitido assinalar mais do que uma. As

primeiras 5 opções de resposta são referentes às principais atividades proporcionadas pelos Estabelecimentos Prisionais: “Alfabetização”; “Português para Estrangeiros”; “Inglês”; “Cursos de Formação Profissional”; “Trabalhos de Manutenção e Limpeza”. Na última opção, nomeada de “Outras”, o participante pode indicar realizar outras atividades para além das referidas anteriormente, sendo depois solicitado que indique quais.

4.2. Escala de Personalidade Criativa

A Escala de Personalidade Criativa (Anexo 8) foi criada por Jesus (2011), pretendendo medir a personalidade criativa (Jesus, et al., 2011).

Para a formulação da escala, foram identificados nove investigadores na área da criatividade. Cada um deles selecionou os 20 itens do instrumento de Solange Wechsler (2006) que melhor pudessem caracterizar a personalidade criativa. Além disso, cada um poderia indicar, ainda, até mais 5 características da personalidade criativa. Dos 100 itens que constituem a Escala dos Estilos de Pensar e Criar, apenas 45 foram selecionados por pelo menos um dos especialistas. Destes quarenta e cinco itens, apenas foram considerados para a formulação da escala os itens da escala original de Solange Wechsler indicados por pelo menos um terço dos especialistas como permitindo avaliar a personalidade criativa, o que permitiu a seleção de 28 itens (Jesus, et al., 2011).

Para além dos 28 itens selecionados da Escala dos Estilos de Pensar e Criar, foram formulados 2 itens com as características da personalidade criativa indicadas por mais do que um dos especialistas (item 29 e 30) (Jesus, et al., 2011).

Desta forma, a escala é constituída por 30 itens, onde são formuladas afirmações sobre as quais o indivíduo pode indicar o seu grau de concordância, segundo uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos, que varia entre: 1= *discordo totalmente*; 2= *discordo um pouco*; 3= *não discordo nem concordo*; 4= *concordo moderadamente*; e 5= *concordo totalmente* (Jesus, et al., 2011).

A pontuação total da escala varia entre os 30 pontos e o máximo de 150 pontos. As pontuações mais altas correspondem a níveis mais elevados para a personalidade criativa.³

³ Com recurso ao *alfa de Cronbach*, foi verificada a consistência interna da escala. Os resultados apontaram para uma boa consistência interna ($\alpha=0,893$), confirmando as qualidades psicométricas do instrumento (Pestana & Gagueiro, 2008).

4.3. Escala de Otimismo

A Escala de Otimismo (Anexo 4) foi elaborada por Oliveira (1998) com o objetivo de avaliar o otimismo pessoal (disposicional).

Esta escala foi validada com recurso a uma amostra global de 742 estudantes, 487 do ensino secundário e 255 do superior. Tendo sido feita a recolha em Portugal e em Cabo Verde, a amostra foi constituída por 322 portugueses e 420 cabo-verdianos. Quanto ao sexo, 306 sujeitos eram do sexo masculino e 436 do sexo feminino, com uma média de idade de 19 anos (Oliveira, 1998).

Após análise fatorial sobre uma amostra preliminar, sendo excluídos os itens com saturação inferior a 0.50, a escala é composta por apenas 4 itens, interrogando sobre atitudes da pessoa face ao futuro. As opções de resposta seguem o formato *Likert*, onde o indivíduo seleciona para cada uma das 4 afirmações o grau de concordância com as mesmas, numa escala ordinal de 1 a 5, onde 1 equivale a “*totalmente em desacordo*” e 5 a “*totalmente de acordo*”. A pontuação total da escala varia entre o valor mínimo de otimismo de 5 pontos e o valor máximo de 20 pontos, sendo que os valores mais altos sugerem sujeitos mais otimistas (Oliveira, 1998).

Os resultados demonstram que a escala apresenta razoáveis capacidades psicométricas, permitindo avaliar o otimismo disposicional (Oliveira, 1998).

A consistência interna, avaliada através do *alfa de Cronbach*, apresenta $\alpha=0.75$ para a amostra global. Nas amostras parciais, a escala apresenta: $\alpha=0.83$ para a amostra de portugueses do ensino secundário; $\alpha=0.84$ para amostra de portugueses do ensino universitário; $\alpha=0.65$ para estudantes do ensino secundário cabo-verdianos; e $\alpha=0.70$ para cabo-verdianos do ensino universitário. Apesar não serem muito elevados, os valores permitiram confirmar a fidelidade do instrumento (Oliveira, 1998).⁴

De forma a verificar a validade concorrente e discriminante da escala, quando esta foi aplicada, os alunos respondiam à questão "considero-me uma pessoa otimista?", com o objetivo de verificar a correlação entre a questão e a escala. Foi, ainda, passada uma escala de

⁴ Com recurso ao *alfa de Cronbach*, foi verificada a consistência interna da escala. Os resultados apontaram para uma consistência interna fraca ($\alpha=0,654$). Este valor deve-se, em princípio, ao número reduzido de itens que compõem a escala e não a fracas qualidades psicométricas do instrumento (Pestana & Gagueiro, 2008).

satisfação com a vida, outra de neuroticismo, outra de ansiedade e outra de solidão, supondo-se uma correlação positiva com a primeira e negativa com as outras três. No que diz respeito à validade interna, a aplicação da escala apresenta-se idêntica em culturas diferentes da portuguesa, concretamente na cabo-verdiana, apesar de apresentar correlações mais baixas (Oliveira, 1998).

4.4. Escala Measuring State and Child Resilience

O inventário *Measuring State and Child Resilience* foi desenvolvido por Chok C. Hiew (1998), no Departamento de Psicologia da Universidade de New Brunswick, no Canadá. O inventário tem por base o modelo de Grotberg (1995, citado por Hiew, 1998), no qual a resiliência converge de três fatores diferentes: 1) fator “*I am*” - resiliência interna ou forças pessoais; 2) fator “*I can*” - competências pessoais e sociais; e 3) fator “*I have*” - relações e papéis desempenhados pelo indivíduo. Atende, ainda, aos conceitos propostos por Werner (1989, citado por Martins, 2005), segundo os quais os traços característicos da resiliência nos adultos podem ser distinguidos em termos da sua intensidade, dependendo do fato de serem “*estados*” dominantes no momento atual (*State-Resilience*) ou desenvolvidos desde a infância (*Trait-Resilience*). Desta forma, a *Measuring State and Child Resilience* é composta por duas escalas diferentes, a Escala *Measuring State Resilience (State-Resilience)* e a Escala *Measuring Child Resilience (Trait-Resilience)*.

Na adaptação à população portuguesa, por Helena Martins, em 2005, da Escala *Measuring Child Resilience* ($\alpha=0.7851$) constam dezoito itens devendo o sujeito assinalar o seu grau de concordância ou discordância, face às afirmações relativamente ao passado quando era criança. A versão final da Escala *Measuring State Resilience* ($\alpha= 0.743$) ficou constituída por catorze itens relativos à situação atual.

Para a adaptação e validação dos instrumentos a amostra final foi constituída por 905 alunos, do 8º ao 12º ano, entre os 12 e os 17 anos, sendo que a média de idades é de 15.5 com um desvio padrão de 1.67. Relativamente ao sexo dos participantes, a maioria é do sexo feminino, nomeadamente 523 sujeitos (57.8%), contra 382 do sexo masculino (42.2%).

4.4.1. Escala Measuring State Resilience.

A adaptação da escala *Measuring State Resilience* (Anexo 6) passou, inicialmente, por uma análise da fidelidade e pela correlação entre cada um dos itens e a escala total. Obteve-se um coeficiente *alpha de Cronbach* de 0,743⁵. Este valor, embora baixo, foi considerado satisfatório pela autora, indicando um coeficiente de consistência interna aceitável.

O teste de esfericidade de *Bartlett* ($\chi^2 = 2128.606$; $df = 91$; $p = 0.000$) e o teste de *Keiser-Meyer-Olkin* ($KMO = 0.854$) permitiram a prossecução da análise fatorial. Foi feita a análise fatorial de componentes principais com rotação *varimax*, impondo uma solução de dois fatores, conforme original. Os dois fatores explicam 37.318% da variância dos 14 fatores, sendo que o primeiro fator explica 22.83% da variância, enquanto o segundo explica 14.49%.

O Fator 1 – *I Am/I Can* encontrou-se saturado por onze itens (6; 7; 9; 8; 10; 11; 12; 13; 14; 15).

O Fator 2 – *I have* encontrou-se saturado por quatro itens (1; 2; 3; 4; 5).

O estudo da correlação entre a Escala total e as subescalas foi efetuado através da correlação de *Pearson*, verificando-se que os resultados encontrados são positivos e estatisticamente significativos, situando-se entre 0,402 e 0,936.

A versão final da Escala *Measuring State Resilience* é constituída por catorze itens com afirmações relativas ao momento atual, para as quais o indivíduo deve assinalar o seu grau de concordância ou discordância, numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos, que varia entre: 1= *discordo completamente* e 5= *concordo totalmente*. A cotação varia entre 14 e 70 pontos. Quanto mais elevados os valores encontrados nas cotações mais elevados são os valores de resiliência e proteção face à adversidade.

4.4.2. Escala Measuring Child Resilience.

A adaptação da escala *Measuring Child Resilience* (Anexo 5) partiu da análise da fidelidade e da correlação entre cada um dos itens e a escala total. Obteve-se um coeficiente

⁵ Com recurso ao *alfa de Cronbach*, foi verificada a consistência interna da escala. Os resultados apontaram para uma consistência interna satisfatória ($\alpha=0,770$) (Pestana & Gagueiro, 2008).

alpha de Cronbach de 0.7851⁶ que, embora baixo, foi considerado satisfatório pela autora, indicando um coeficiente de consistência interna aceitável.

O teste de esfericidade de *Bartlett* ($\chi^2 = 2819.393$; $df=153$; $p= 0.000$) e o teste de *KaiserMeyer Olkin* ($KMO = 0.833$), embora indicando coeficientes de correlação parciais pequenos, permitiram a prossecução da análise fatorial. Os valores apresentados no KMO revelaram médias fracas para todas as variáveis, indiciando fraca relação com os fatores retidos. Impondo a solução de três fatores, estes explicam 40.38% da variância, sendo que o primeiro explica 16.22%, o segundo 14.68%, enquanto o terceiro explica 9.48% da variância total.

Relacionado com as características elevadas a nível do funcionamento pró-social, cognitivo, interpessoal e escolar, o Fator 1 – *I can* encontrou-se saturado por oito itens (4; 9; 10; 11; 12; 13; 18; 17). Relacionado com as relações afetivas e sociais fortes, modelos e apoio social, o Fator 2 – *I have* encontrou-se saturado por seis itens (3; 5; 7; 8; 14; 16). Relacionado com características da pessoa com uma saudável auto-percepção e autorregulação, o Fator 3 – *I Am* encontrou-se saturado por quatro itens (1; 2; 6; 15).

Com recurso ao teste-reteste, a análise da estabilidade temporal ($r = 0.673$) apresentou resultados aceitáveis.

A versão final da Escala *Measuring Child Resilience* é constituída por dezoito itens com afirmações relativas à infância, para as quais o indivíduo deve assinalar o seu grau de concordância ou discordância, segundo uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos, que varia entre 1= *discordo completamente* e 5= *concordo totalmente*. A cotação varia entre o mínimo de 18 e o máximo de 90 pontos. Valores elevados sugerem indivíduos mais resilientes e protegidos contra a adversidade.

4.5. Escala de Satisfação com o Suporte Social

A Escala de Satisfação com o Suporte Social (Anexo 7) foi elaborada por Pais Ribeiro, em 1999, com o objetivo de avaliar a satisfação com o suporte social em adultos (Pais-Ribeiro, 1999).

⁶ Com recurso ao *alfa de Cronbach*, foi verificada a consistência interna da escala. Os resultados apontaram para uma boa consistência interna ($\alpha=0,804$), confirmando as qualidades psicométricas do instrumento (Pestana & Gagueiro, 2008).

Esta escala foi construída considerando, essencialmente, uma investigação de Wethington e Kessler (1986, citado por Pais-Ribeiro, 1999), no qual foi possível verificar que a perceção de suporte social explicava melhor os resultados de saúde do que os aspetos tangíveis do suporte social.

A escala final foi construída utilizando uma amostra de 609 estudantes do 11º ano ao final da universidade, com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos, pertencendo 47% da amostra ao sexo masculino e 53% ao feminino (Pais-Ribeiro, 1999).

Após a análise de componentes principais, selecionando os itens com uma carga fatorial superior a 0,40, a escala final é constituída por 15 itens.

Para cada uma das 15 afirmações, o indivíduo seleciona o grau em que concorda com a afirmação, numa escala ordinal de 5 posições, entre o “*Concordo totalmente*” ao “*Discordo totalmente*”.

Esta escala avalia 4 dimensões, que explicam 63,1% da variância total. O primeiro fator, nomeado “*satisfação com os amigos*”, mede a satisfação com as amizades/amigos, tem uma consistência interna de 0,83 e explica 35% da variância total (inclui 5 itens: 3; 12; 13; 14; 15). O segundo fator, “*intimidade*”, mede a perceção da existência de suporte social íntimo. Este tem uma consistência interna de 0,74 e explica 12,1% da variância (inclui 4 itens: 1; 4; 5; 6). O terceiro fator, denominado de “*satisfação com a família*”, mede a satisfação com o suporte social familiar existente, tendo uma consistência interna de 0,74 e explicando 8,7% da variância total (inclui 3 itens: 9; 10; 11). O quarto fator, relativo às “*atividades sociais*” mede a satisfação com as atividades sociais que realiza. Esta dimensão tem uma consistência interna de 0,64 e explica 7,3% da variância total (inclui 3 itens: 2; 7; 8) (Pais-Ribeiro, 1999).

A consistência interna (*alfa de Cronbach*) encontrada para a escala total foi de 0,85 (Pais-Ribeiro, 1999).⁷

A cotação deve considerar os itens invertidos (4,5,9,10,11,12,13,14,15) e varia entre os 15 e os 75 pontos, sendo que a nota mais alta corresponde a uma satisfação maior com o suporte social.

⁷ Com recurso ao *alfa de Cronbach*, foi verificada a consistência interna da escala. Os resultados apontaram para uma consistência interna satisfatória ($\alpha=0,755$) (Pestana & Gagueiro, 2008).

5. Procedimento seguido para a recolha de dados

A recolha de dados para investigações académicas, nos Estabelecimentos Prisionais, apenas é permitida mediante o consentimento da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais. Desta forma, inicialmente, foi dirigido o pedido de autorização para a recolha de dados ao Diretor-geral dos Serviços Prisionais (Anexo 1) a par do projeto de dissertação. Concedida a autorização, foi necessário contactar os Diretores de cada Estabelecimento Prisional para conhecer os procedimentos a cumprir na recolha e agendar a mesma.

Cada Estabelecimento disponibilizou a sala de visitas para a recolha de dados. Foi solicitado aos Serviços de Reeducação que, da listagem total de reclusos presentes nos E.P.'s, constituíssem, aleatoriamente, listas de reclusos para participarem no estudo. Estas listas foram depois entregues ao Corpo da Guarda, ao qual foi pedido que encaminhassem os reclusos nomeados, em pequenos grupos, à sala de visitas.

Presentes na sala de visitas, a cada grupo de reclusos foi explicado em que consistia o estudo e de que forma iriam ser tratados os dados recolhidos. Foi, aqui, abordada a questão da confidencialidade e anonimato, da liberdade em participar ou não, sem quaisquer consequências, e da possibilidade de desistir a qualquer momento. Posteriormente, aos reclusos que mantinham a vontade em participar, foi lido o consentimento informado (Anexo 2), reforçando a informação acima referida, e foram dadas instruções para o preenchimento do questionário e dos inventários. Contou-se um número muito reduzido de desistências.

Aos sujeitos de nacionalidade estrangeira ou com baixas habilitações literárias foi prestado apoio mais individualizado. Todas as questões foram lidas e clarificadas à medida que o participante assinalava as suas respostas.

Na sala foram colocados dois caixotes. Um com o objetivo de depositar o consentimento informado, assinado pelos participantes. O segundo para que os participantes colocassem o questionário e inventários.

Terminada a colheita, foram analisados os questionários e inventários e selecionados os que iriam constar nos dados e os que não obedeciam ao que era estipulado para integrarem o estudo devido a um preenchimento inadequado, essencialmente a existência de escalas às quais os participantes não responderam.

6. Procedimento seguido para o tratamento de dados

Os dados foram tratados com recurso ao programa IBM SPSS 20.0, uma ferramenta informática para cálculos estatísticos indicada para a análise de dados no domínio das Ciências Sociais.

Inicialmente, para os resultados da cada escala recorreu-se à análise descritiva das mesmas.

Posteriormente, para cada escala em função das variáveis que caracterizam a amostra, utilizou-se procedimentos de comparação de médias paramétricos (teste *t*), para grupos com *n* igual ou superior a 30, e não paramétricos, para grupos de pequena dimensão (teste *Mann-Whitney*, para comparação entre dois grupos e teste *Kruskal-Wallis*, para comparação entre mais de dois grupos).

No sentido de observar eventuais associações entre as variáveis utilizou-se os coeficientes de correlação de *Spearman* e de *Pearson*, dependentemente da dimensão dos grupos em estudo. As correlações foram consideradas negligenciáveis para *r* menor que 0,20; fracas para *r* entre 0,20 e 0,40; moderadas para *r* entre 0,40 e 0,60; e fortes para *r* maior do que 0,60 (Pestana & Gagueiro, 2008).

Por fim, com o objetivo de aprofundar as relações encontradas foram efetuadas regressões hierárquicas múltiplas, com modo enter.

O nível utilizado para avaliar a significância dos testes estatísticos foi de 0.05 (Pestana & Gagueiro, 2008).

Síntese

O presente trabalho de investigação tem como objetivo principal estudar a personalidade criativa e eventuais relações com o bem-estar da população reclusa algarvia. Considerando três variáveis de bem-estar, nomeadamente o otimismo, a resiliência e a satisfação com o suporte social espera-se que: H1. A personalidade criativa relaciona-se positivamente com o otimismo; H2. A personalidade criativa relaciona-se positivamente com a resiliência; H3. A personalidade criativa relaciona-se positivamente com o suporte social.

Desta forma, um estudo quantitativo de plano correlacional parece o mais indicado ao cumprimento dos objetivos propostos e verificação das hipóteses previstas.

Considerando as variáveis em estudo, para a variável correspondente à personalidade criativa foi eleita a “Escala de Personalidade Criativa” de Jesus (2011). Para medir o otimismo foi escolhida a “Escala de Otimismo” de Oliveira (1998). A resiliência foi avaliada através da escala “Measuring State and Child Resilience”, composta pela “Measuring Child Resilience” que avalia a resiliência percebida na infância e a “Measuring State Resilience” que avalia a resiliência percebida no momento atual. Por último, para a variável respeitante ao suporte social foi escolhida como medida a “Escala de Satisfação com o Suporte Social” de Ribeiro (1999). Para a informação referente aos dados sociodemográficos e situação jurídico-penal para a caracterização da amostra, foi construído um questionário nomeado de “Questionário Sociodemográfico”.

A amostra do presente estudo é uma amostra probabilística, tendo sido selecionada através da técnica de amostragem aleatória simples. Esta é constituída por 106 reclusos do sexo masculino pertencentes ao Estabelecimento Prisional Regional de Faro; ao Estabelecimento Prisional Regional de Olhão; e ao Estabelecimento Prisional Regional de Silves. As idades estão compreendidas entre os 18 e os 66 anos ($M=34,13$; $DP=9,911$). A amostra é constituída maioritariamente por portugueses (73,6%), perfazendo um total de 78 sujeitos. O maior grupo da amostra, no que diz respeito às habilitações literárias, pertence aos 33 sujeitos que possuem o 3.º ciclo (31,1%). No entanto, com apenas menos 1 sujeito, 30,2% da amostra possui o ensino secundário. O grupo de profissões mais representado na amostra diz respeito à categoria “trabalhadores qualificados da construção e similares, exceto eletricitista”, com 24 sujeitos (22,6%). Segue-se a categoria “sem profissão”, com 17 sujeitos

(16%). Na amostra, 39 sujeitos são reincidentes (36,8%) e 67 sujeitos são primários (63,2%); 61 sujeitos estão condenados (57,5%) e 45 em situação preventiva (42,5%). A média do tempo de pena de prisão é de 5 anos e dois meses e meio.

No que diz respeito à recolha de dados, concedida a autorização por parte da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais e acordada a recolha com os Diretores de cada Estabelecimento Prisional, foi solicitado aos Serviços de Reeducação que, da listagem total de reclusos presentes nos E.P.'s, constituíssem, aleatoriamente, listas de reclusos para participarem no estudo. Estas listas foram depois entregues ao Corpo da Guarda, ao qual foi pedido que encaminhassem os reclusos nomeados, em pequenos grupos, à sala de visitas. A cada grupo foi esclarecido o consentimento informado e aos reclusos que mantinham a vontade em participar foram dadas instruções para o preenchimento do questionário e dos inventários. Aos sujeitos de nacionalidade estrangeira ou com baixas habilitações literárias foi prestado apoio mais individualizado.

Posteriormente, os dados foram tratados com recurso ao programa IBM SPSS 20.0. Recorreu-se a análises descritivas; teste *Mann-Whitney* e teste *Kruskal-Wallis* para comparação de médias entre grupos; coeficientes de correlação de *Spearman* e de *Pearson*; e regressões hierárquicas múltiplas, com modo enter.

As correlações foram consideradas negligenciáveis para r menor que 0,20; fracas para r entre 0,20 e 0,40; moderadas para r entre 0,40 e 0,60; e fortes para r maior do que 0,60. O nível utilizado para avaliar a significância dos testes estatísticos foi de 0.05

CAPÍTULO 5. RESULTADOS

Introdução

Este capítulo é dedicado a apresentação dos resultados obtidos na presente investigação.

Inicialmente são apresentados os resultados para as análises estatísticas descritivas realizadas para a Personalidade Criativa, o Otimismo, para a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social. Foi, também, aqui apresentada a análise comparativa dos resultados obtidos nestas variáveis em função das variáveis sociodemográficas (idade; nacionalidade; habilitações literárias; e atividade profissional anterior à reclusão), jurídico-penais (situação penal; reincidência; tempo de reclusão; e tempo de pena) e em função das atividades desenvolvidas no estabelecimento prisional (formativas; laborais; lúdico-pedagógicas e recreativas; e desportivas). Neste ponto, foi verificada a associação entre as mesmas.

Num segundo momento, são apresentados os resultados encontrados na análise da associação entre a Personalidade Criativa, o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social.

Em último, são apresentados os resultados referentes ao estudo dos preditores da Personalidade Criativa e às análises da mesma enquanto variável preditora do bem-estar.

1. Resultados da Escala de Personalidade Criativa

A Personalidade Criativa começou por ser estudada segundo a análise estatística descritiva da escala. Na análise descritiva, a Escala de Personalidade Criativa apresenta uma média alta de 121,67 ($DP = 15,718$), o valor mínimo verificado é 53 e o valor máximo 148.

No seguimento do estudo dos resultados obtidos para a Personalidade Criativa, foram analisadas diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas, jurídico-penais e das variáveis relativas à ocupação no estabelecimento prisional.

1.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e a Personalidade Criativa

IDADE

As eventuais diferenças nos valores obtidos na Escala de Personalidade Criativa em função da idade (categorizada em quatro grupos: dos 18 aos 30 anos; dos 30 aos 40; dos 40 aos 45; e idade superior aos 50 anos) foram verificadas através do teste não paramétrico de *Kruskal-Wallis*.

Os sujeitos com idades compreendidas entre os trinta e os quarenta anos são os que apresentam valores superiores na Escala de Personalidade Criativa ($M=127,03; DP=15,465$). Contudo, não foram observadas diferenças significativas (Tabela 5.1).

Tabela 5.1

Personalidade Criativa em função da Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).

	Idade (anos)								Teste <i>Kruskal-Wallis</i>	
	[18;30] (n=45)]30;40] (n=33)]40;50] (n=21)		Superior a 50 (n=7)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	$\chi^2_{(g.1.3)}$	<i>Sig.</i>
P.C.	119,24	17,002	127,03	15,465	119,05	12,760	119,86	12,760	6,798	0,079

N=106

Nota. P.C: Personalidade Criativa

Posteriormente, foi analisada a associação entre a Personalidade Criativa e a idade. A correlação paramétrica de *Pearson* evidenciou a inexistência de associação entre as duas variáveis ($r = 0,046$, $p = 0,640$).

NACIONALIDADE

Em função da nacionalidade (categorizada em dois grupos: nacionalidade portuguesa e nacionalidade estrangeira), não foram encontradas diferenças significativas nos resultados obtidos para a Escala de Personalidade Criativa. Para esta análise foi utilizado o teste não paramétrico de *Mann-Whitney*.

É possível, no entanto, identificar valores mais elevados para o grupo de portugueses ($M=123,63$; $DP=13,884$) do que para o grupo de estrangeiros ($M=116,21$; $DP=19,211$) (Tabela 5.2).

Tabela 5.2

Personalidade Criativa em função da Nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Nacionalidade					
	Portuguesa (n=78)		Estrangeira (n=28)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Personalidade Criativa	123,63	13,884	116,21	19,211	867,500	0,108

N=106

Analisando, ainda, a associação entre estas duas variáveis, as análises correlacionais de *Spearman* indicam que não existe uma correlação significativa ($r = 0,157$; $p = 0,108$) entre a Personalidade Criativa e a nacionalidade, confirmando os resultados anteriores.

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Os resultados obtidos na Escala de Personalidade Criativa em função das habilitações literárias (categorizadas em dois grupos: até ao 3.º ciclo e ensino secundário/superior) foram analisados com recurso ao teste paramétrico Teste *t*. Este indicou a inexistência de diferenças significativas entre os dois grupos (Tabela 5.3).

Tabela 5.3

Personalidade Criativa em função das Habilitações literárias (médias, desvios-padrão e Teste t)

	Habilitações literárias				Teste t	
	Até ao 3.º ciclo (n=70)		Ensino Secundário - Superior (n=36)		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Personalidade Criativa	121,54	15,523	121,92	16,308	-0,115	0,908

N=106

Procurou-se, contudo, analisar a associação entre a Personalidade Criativa e as habilitações literárias, sendo que esta não se verificou ($r = 0,011$, $p = 0,908$).

ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTERIOR À RECLUSÃO

Recorrendo ao teste *Mann-Whitney*, procurou identificar-se a presença de diferenças nos valores da Personalidade Criativa em função da existência ou inexistência de uma atividade profissional anterior à reclusão.

Pode observar-se uma média superior no grupo com atividade profissional ($M=123,08$; $DP=15,459$) em comparação com o grupo sem atividade profissional ($M=117,35$; $DP=16,020$). No entanto, esta diferença não é significativa (Tabela 5.4).

Tabela 5.4

Personalidade Criativa em função da Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividade profissional anterior à reclusão				Teste Mann-Whitney	
	Com atividade (n=80)		Sem atividade (n=26)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Personalidade Criativa	123,08	15,459	117,35	16,020	821,00	0,108

N=106

A associação entre as duas variáveis, através da correlação de *Spearman*, também não se verificou ($r = 0,157$, $p = 0,108$).

1.2. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e a Personalidade Criativa

REINCIDÊNCIA

Com o intuito de avaliar diferenças entre o grupo de reincidentes e o grupo de primários no que diz respeito à Personalidade Criativa, foi utilizado o teste paramétrico *t*.

Foram observadas diferenças significativas entre o grupo de reincidentes ($M=127,54$; $DP=15,119$) e o grupo de primários ($M=118,25$; $DP=15,140$), $t(106)=3,046$, $p=0,003$ (Tabela). Desta forma, podemos considerar que os reincidentes apresentam valores mais elevados na Personalidade Criativa que os sujeitos primários (Tabela 5.5).

Tabela 5.5

Personalidade Criativa em função da Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).

	Reincidência					
	Reincidentes (n=39)		Primários (n=67)		Teste <i>t</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>Sig</i>
Personalidade Criativa	127,54	15,119	118,25	15,140	3,046	0,003**

** $p < 0,01$; $N=106$

Com recurso ao teste de correlação de *Pearson*, verificou-se a existência de associação entre a Personalidade Criativa e esta variável ($r = 0,286$; $p = 0,003$), apresentando uma correlação positiva fraca. Embora fraca, a correlação sugere que os valores para a Personalidade Criativa tende a aumentar se os sujeitos forem reincidentes.

SITUAÇÃO PENAL

Com recurso ao Teste t , compararam-se diferenças nos valores obtidos na Escala de Personalidade Criativa em função da situação penal dos sujeitos.

Foram observadas diferenças significativas entre o grupo de condenados ($M=124,41$; $DP=13,220$) e o grupo de preventivos ($M=117,96$; $DP=18,074$), $t(106)=2,124$, $p=0,036$ (Tabela). Podemos, assim, considerar que os condenados apresentam valores médios mais elevados na Personalidade Criativa do que os sujeitos preventivos (Tabela 5.6).

Tabela 5.6

Personalidade Criativa em função da Situação penal (médias, desvios-padrão e teste t).

	Situação penal				Teste t	
	Condenado (n=61)		Preventivo (n=45)		T	Sig
	M	DP	M	DP		
Personalidade Criativa	124,41	13,220	117,96	18,074	2,124	0,036*

* $p<0,05$; $N=106$

Seguidamente, foi estudada a associação entre a Personalidade Criativa e a situação penal. De acordo com os resultados, estas duas variáveis encontram-se associadas ($r = 0,204$; $p = 0,036$), apresentando uma correlação positiva fraca. Confirma-se, desta forma, que os condenados tendem a apresentar valores mais elevados para a Personalidade Criativa.

TEMPO DE PENA

As possíveis diferenças nos valores obtidos na Escala de Personalidade Criativa em função do tempo de pena (categorizado em quatro grupos: até um ano; entre 1 ano e 5 anos; entre 5 e 10 anos; e superior a 10) foram verificadas através do teste não paramétrico de *Kruskal-Wallis*.

Os sujeitos com pena atribuída entre os 5 e os 10 anos são os que apresentam valores superiores na Escala de Personalidade Criativa ($M=126,53$; $DP=10,465$) a par do grupo com pena superior a 10 anos ($M=126,40$; $DP=14,082$). Contudo, não foram observadas diferenças significativas (Tabela 5.7).

Tabela 5.7

Personalidade Criativa em função do Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).

	Tempo de pena								Teste Kruskal-Wallis	
	Até 1 ano (n=7)]1;5] (n=32)]5;10] (n=17)		Superior a 10 anos (n=5)		$x^2_{(g.1.3)}$	Sig
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
P.C.	121,29	13,425	123,66	14,676	126,53	10,465	126,40	14,082	0,981	0,806

N=61

Nota. P.C.: Personalidade Criativa.

Realizou-se, ainda, a análise à associação entre a Personalidade Criativa e o tempo de pena. Os resultados demonstram existir uma correlação positiva e significativa ($r = 0,218$; $p = 0,026$). O coeficiente r indica uma correlação fraca. Apesar dos resultados apontarem para uma correlação fraca, estes sugerem que os valores para a Personalidade Criativa são mais elevados quanto mais elevado é o tempo de pena atribuído.

TEMPO DE RECLUSÃO

Quando avaliadas as diferenças entre grupos, no que diz respeito ao tempo de reclusão (categorizado em dois grupos: até 2 anos e superior a 2 anos), não foram encontradas diferenças significativas nos resultados obtidos para a Escala de Personalidade Criativa. É possível, no entanto, identificar valores mais elevados para o grupo recluso há mais de 2 anos ($M=126,00$; $DP=11,324$) do que para o grupo recluso até 2 anos ($M=123,66$; $DP=14,237$) (Tabela 5.8).

Tabela 5.8

Personalidade Criativa em função da variável Tempo de reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Tempo de reclusão				Teste Mann-Whitney	
	Até 2 anos (n=41)		Superior a 2 anos (n=19)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Personalidade Criativa	123,66	14,237	126,00	11,324	367,500	0,726

N=60

Nota. 1 sujeito condenado não respondeu.

Ainda no que diz respeito a estas duas variáveis, apesar dos resultados acima referidos, a Personalidade Criativa e o tempo de reclusão estão associados, com uma correlação positiva fraca ($r = 0,201$; $p = 0,041$).

1.3. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com a Personalidade Criativa

ATIVIDADES FORMATIVAS

Com recurso ao Teste t , compararam-se diferenças nos valores obtidos na Escala de Personalidade Criativa em função da participação em atividades formativas.

Não foram observadas diferenças significativas entre os grupos. Podemos, no entanto, referir que o grupo que frequenta atividades formativas ($M=123,22$; $DP=16,082$) apresenta valores médios mais altos que o grupo que não frequenta ($M=119,79$; $DP=15,220$) (Tabela 5.9).

Tabela 5.9.

Personalidade Criativa em função das Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste t).

	Atividades formativas				Teste t	
	Sim (n=58)		Não (n=48)		T	Sig
	M	DP	M	DP		
Personalidade Criativa	123,22	16,082	119,79	15,220	1,121	0,265

N=106

A análise correlacional de *Pearson*, considera não existir associação entre a Personalidade Criativa e a participação em atividades formativas ($r = 0,109$; $p = 0,265$).

ATIVIDADES LABORAIS

O teste t , na análise das diferenças entre grupos, indica não existirem diferenças para a Personalidade Criativa em função da experiência de atividades laborais no estabelecimento prisional (Tabela 5.10).

Tabela 5.10.

Personalidade Criativa em função das Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste t).

	Atividades laborais				Teste <i>t</i>	
	Sim (n=35)		Não (n=71)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Personalidade Criativa	121,06	18,932	121,97	14,007	-0,281	0,780

N=106

Quando verificada, não foi encontrada associação entre a Personalidade Criativa e as atividades laborais ($r = -0,027$; $p = 0,780$).

ATIVIDADES LÚDICO-PEDAGÓGICAS E RECREATIVAS

As diferenças observadas nos valores médios obtidos para a Personalidade Criativa no grupo que frequenta atividades lúdico-pedagógicas e recreativas ($M = 126,18$; $DP = 10,206$) e o grupo que não frequenta ($M = 121,15$; $DP = 16,193$) não são significativas (Tabela 5.11).

Tabela 5.11.

Personalidade Criativa em função das Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas				Teste Mann-Whitney	
	Sim (n=11)		Não (n=95)		<i>U</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Personalidade Criativa	126,18	10,206	121,15	16,193	435,500	0,367

N=106

A associação entre estas duas variáveis, a Personalidade Criativa e as atividades lúdico-pedagógicas e recreativas, também não foi observada ($r = 0,088$; $p = 0,370$).

ATIVIDADES DESPORTIVAS

O grupo que frequenta atividades desportivas ($M = 116,10$; $DP = 11,170$) apresenta valores mais baixos que o grupo que não frequenta ($M = 122,55$; $DP = 16,051$). Contudo, através do teste *Mann-Whitney*, constatou-se que não existem diferenças significativas (Tabela 5.12).

Tabela 5.12.

Personalidade Criativa em função das Atividades desportivas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades desportivas				Teste Mann-Whitney	
	Sim (n=10)		Não (n=96)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Personalidade Criativa	116,10	11,170	122,25	16,051	314,500	0,074

N=106

Quando se analisou a associação entre a Personalidade Criativa e a prática de atividades desportivas, os resultados confirmaram que as duas variáveis não se encontram associadas ($r = -0,175$; $p = 0,073$).

2. Resultados da Escala de Otimismo

Na análise dos resultados obtidos para o Otimismo importa, inicialmente, atender à análise estatística descritiva e aos resultados indicados na mesma. Desta forma, na Escala de Otimismo obteve-se uma média alta de 16,66 ($DP = 2,725$), correspondendo o valor mínimo a 10 e o valor máximo a 20.

O estudo do Otimismo prosseguiu com a análise das diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas, jurídico-penais e das variáveis relativas à ocupação no estabelecimento prisional.

2.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e o Otimismo

IDADE

As eventuais diferenças nos valores obtidos na Escala de Otimismo em função da idade (categorizada em quatro grupos: dos 18 aos 30 anos; dos 30 aos 40; dos 40 aos 45; e idade superior aos 50 anos) foram verificadas com recurso ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*. No entanto, não foram identificadas diferenças significativas (Tabela 5.13).

Tabela 5.13.

Otimismo em função da variável Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).

	Idade (anos)								Teste	
	[18;30] (n=45)]30;40] (n=33)]40;50] (n=21)		Superior a 50 (n=7)		<i>Kruskal-Wallis</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	$\chi^2_{(g.1.3)}$	<i>Sig.</i>
O.	16,82	2,424	16,82	3,066	16,19	2,713	16,29	3,302	1,195	0,377

N=106

Nota. 1 sujeito condenado não respondeu; O.: Otimismo.

O coeficiente de correlação de *Pearson* permite-nos não considerar a associação entre o Otimismo e a idade ($r = -0,083$; $p = 0,398$).

NACIONALIDADE

Para esta análise das diferenças nos resultados obtidos para a Escala de Otimismo em função da nacionalidade (categorizada em dois grupos: nacionalidade portuguesa e nacionalidade estrangeira) foi utilizado o teste não paramétrico de *Mann-Whitney*.

Os resultados apontam para diferenças não significativas entre o grupo de portugueses e o grupo de estrangeiros nos valores obtidos para o Otimismo (Tabela 5.14).

Tabela 5.14.

Otimismo em função da variável Nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Nacionalidade					
	Portuguesa (n=78)		Estrangeira (n=28)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Otimismo	16,78	2,733	16,32	2,722	972,500	0,386

N=106

Com o intuito de verificar a associação entre a nacionalidade e o Otimismo, recorreu-se ao teste de *Spearman*. Os resultados mostram que não existe associação entre estas duas variáveis ($r = 0,085$; $p = 0,389$), corroborando os resultados anteriores.

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Os resultados obtidos na Escala de Otimismo em função das habilitações literárias (categorizadas em dois grupos: até ao 3.º ciclo e ensino secundário/superior) foram analisados com recurso ao teste paramétrico Teste *t*. Os resultados indicam ausência de diferenças significativas entre os dois grupos (Tabela 5.15).

Tabela 5.15.

Otimismo em função da variável Habilitações literárias (médias, desvios-padrão e teste t).

	Habilitações literárias				Teste <i>t</i>	
	Ler e escrever- 3.º ciclo (n=70)		Ensino Secundário - Superior (n=36)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Otimismo	16,61	2,835	16,75	2,534	-0,242	0,809

N=106

Com o intuito de verificar a possível associação o Otimismo e as habilitações literárias, procedeu-se à análise de correlações de *Pearson*. Esta não sugeriu a associação entre estas duas variáveis ($r = 0,024$; $p = 0,809$).

ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTERIOR À RECLUSÃO

Recorrendo ao teste *Mann-Whitney*, procurou identificar-se a presença de diferenças nos valores do Otimismo em função da existência ou inexistência de uma atividade profissional anterior à reclusão. Os resultados não apontam diferenças não significativas (Tabela 5.16).

Tabela 5.16.

Otimismo em função da variável Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividade profissional anterior à reclusão				Teste Mann-Whitney	
	Com atividade (n=80)		Sem atividade (n=26)			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Otimismo	16,74	2,685	16,42	2,887	974,00	0,624

N=106

A análise da associação entre a atividade anterior à reclusão e o Otimismo indicou a inexistência da mesma ($r = 0,048$; $p = 0,626$).

2.2. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e o Otimismo

REINCIDÊNCIA

Foi utilizado o teste paramétrico *t* no estudo das diferenças entre o grupo de reincidentes ($M=16,72$; $DP=2,973$) e o grupo de primários ($M=16,63$; $DP=2,593$), que demonstram não existirem diferenças significativas entre os dois grupos (Tabela 5.17).

Tabela 5.17.

Otimismo em função da variável Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).

	Reincidência					
	Reincidentes (n=39)		Primários (n=67)		Teste <i>t</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Otimismo	16,72	2,973	16,63	2,593	0,165	0,869

N=106

Com recurso ao teste de correlação de *Pearson*, pode verificar-se que não há associação entre o Otimismo e esta variável ($r = 0,016$; $p = 0,669$).

SITUAÇÃO PENAL

Utilizou-se o Teste *t* para comparar diferenças nos valores obtidos na Escala de Otimismo em função da situação penal dos sujeitos.

Os resultados observados indicam não haver diferenças significativas entre o grupo de condenados ($M = 17,02$; $DP = 2,579$) e o grupo de preventivos ($M=16,18$; $DP=2,871$) (Tabela 5.18).

Tabela 5.18.

Otimismo em função da variável Situação penal (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Situação penal				Teste <i>t</i>	
	Condenado (n=61)		Preventivo (n=45)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Otimismo	17,02	2,579	16,18	2,871	1,577	0,118

N=106

Posteriormente, foi estudada a associação entre o Otimismo e a situação penal. Os resultados indicam que esta não se verifica ($r = 0,153$; $p = 0,118$).

TEMPO DE PENA

As diferenças nos valores obtidos na Escala de Otimismo em função do tempo de pena (categorizado em quatro grupos: até um ano; entre 1 ano e 5 anos; entre 5 e 10 anos; e superior a 10) foram analisadas com recurso ao teste não paramétrico de *Kruskal-Wallis*.

Os resultados não apresentam diferenças significativas. Podemos, de qualquer forma, observar que os sujeitos com pena atribuída entre 1 e os 5 anos são os que apresentam valores médios mais elevados na Escala de Otimismo ($M=17,22$; $DP=2,893$). (Tabela 5.19).

Tabela 5.19.

Otimismo em função da variável Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste *Kruskal-Wallis*).

	Tempo de pena								Teste <i>Kruskal-Wallis</i>	
	Até 1 ano (n=7)]1;5] (n=32)]5;10] (n=17)		Superior a 10 anos (n=5)		$x^2_{(g.1.3)}$	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
O.	16,86	2,854	17,22	2,893	16,76	2,016	16,80	2,387	0,873	0,832

N=61

Nota. O: Otimismo; 1 sujeito condenado não respondeu.

A associação entre o Otimismo e o tempo de pena também não se verificou ($r = 0,088$; $p = 0,373$).

TEMPO DE RECLUSÃO

Quando avaliadas as diferenças entre grupos, nos valores médios na Escala de Otimismo em função do tempo de reclusão (categorizado em dois grupos: até 2 anos e superior a 2 anos), não foram encontradas diferenças significativas nos resultados ($U = 337,500$; $p = 0,401$) (Tabela 5.20).

Tabela 5.20.

Otimismo em função da variável Tempo de reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Tempo de reclusão					
	Até 2 anos (n=41)		Superior a 2 anos (n=19)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Otimismo	16,68	2,824	17,58	1,981	337,500	0,401

N=60

Nota.1 sujeito condenado não respondeu

Considerando ainda estas duas variáveis, os resultados do teste de *Pearson* indicam que o Otimismo e o tempo de reclusão não estão associados ($r = 0,179$; $p = 0,069$).

2.3. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com o Otimismo

ATIVIDADES FORMATIVAS

Compararam-se diferenças nos valores obtidos na Escala de Otimismo em função da participação em atividades formativas, com recurso ao Teste *t*. Os resultados mostram não haver diferenças significativas entre o grupo que frequenta ($M=16,69$; $DP=2,722$) e o grupo que não frequenta as atividades ($M=16,63$; $DP=2,757$) (Tabela 5.21).

Tabela 5.21.

Otimismo em função da variável Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Atividades formativas				Teste <i>t</i>	
	Sim (n=58)		Não (n=48)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Otimismo	16,69	2,722	16,63	2,757	0,121	0,904

N=106

Quando analisada, não foi encontrada associação entre o Otimismo e as atividades formativas ($r = 0,012$; $p = 0,904$).

ATIVIDADES LABORAIS

O teste *t*, na análise das diferenças entre grupos, indica não existirem diferenças para o Otimismo em função do exercício de atividades laborais no estabelecimento prisional (Tabela 5.22).

Tabela 5.22.

Otimismo em função da variável Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Atividades laborais				Teste <i>t</i>	
	Sim (n=35)		Não (n=71)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Otimismo	17,26	2,417	16,37	2,835	1,598	0,114

N=106

A análise correlacional de *Pearson*, considera não existir associação entre o Otimismo e o exercício de atividades laborais ($r = 0,154$; $p = 0,114$).

ATIVIDADES LÚDICO-PEDAGÓGICAS E RECREATIVAS

Os valores médios obtidos para o Otimismo no grupo que frequenta atividades lúdico-pedagógicas e recreativas ($M = 18,09$; $DP = 1,814$) são superiores ao grupo que não frequenta

($M = 16,49$; $DP = 16,193$). No entanto, os resultados da análise das diferenças entre grupos indicam que estas não são significativas (Tabela 5.23).

Tabela 5.23.

Otimismo em função da variável Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas					
	Sim (n=11)		Não (n=95)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Otimismo	18,09	1,814	16,49	2,771	363,000	0,095

N=106

Numa análise posterior, constatou-se que a associação entre estas duas variáveis, o Otimismo e as atividades lúdico-pedagógicas e recreativas, não se verifica ($r = 0,163$; $p = 0,095$).

ATIVIDADES DESPORTIVAS

Através do teste *Mann-Whitney*, constatou-se que não existem diferenças entre grupos significativas para o Otimismo em função das atividades desportivas (Tabela 24).

Tabela 5.24.

Otimismo em função da variável Atividades desportivas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades desportivas					
	Sim (n=10)		Não (n=96)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Otimismo	16,50	2,224	16,68	2,781	445,000	0,702

N=106

Por último, os resultados confirmam que estas duas variáveis não se encontram associadas ($r = 0,037$; $DP = 0,704$).

3. Resultados da Measuring State and Child Resilience

A análise descritiva realizada para a resiliência passou por todas as escalas envolvidas na avaliação da mesma. Desta forma, para a escala total *Measuring State and Child Resilience* a média corresponde a 64,21 ($DP = 2,725$), apresentando o valor 38 como máximo e 79 como valor mínimo. Analisou-se, depois, as duas escalas que a compõem.

Na *Measuring Child Resilience* obteve-se uma média de 68,28 ($DP = 9,204$), correspondendo o mínimo a 36 e o máximo a 88. Quanto aos fatores, “*I can*” varia entre 16 e 40, com uma média alta de 30,91 ($DP = 4,562$); “*I have*” apresentou uma média alta de 22,92 ($DP = 3,526$), correspondendo a mínimo a 13 e o máximo a 29; e para “*I am*” a média apontada é de 14,45 ($DP = 3,071$), o valor mínimo é de 4 e o máximo de 20.

Na *Measuring State Resilience* os resultados referem uma média alta de 60,14 ($DP = 6,486$), um mínimo de 40 e um máximo de 70. Alargando a análise aos fatores, “*I am/I can*” obteve uma média de alta 17,71 ($DP = 2,272$), com mínimo de 10 e máximo de 20, e “*I am*” apresentou média de 42,43 ($DP = 5,097$), um mínimo de 26 e um máximo de 50.

No seguimento da análise aos resultados obtidos para a Resiliência, foi realizada uma comparação dos resultados entre grupos em função das variáveis sociodemográficas, jurídico-penais e das variáveis relativas à ocupação no estabelecimento prisional.

3.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e a Resiliência.

IDADE

Procurou-se verificar eventuais diferenças nos valores obtidos na *Measuring State and Child Resilience*, composta pela *Measuring Child Resilience* e *Measuring State Resilience*, e respetivas subescalas em função da idade (categorizada em quatro grupos: dos 18 aos 30 anos; dos 30 aos 40; dos 40 aos 45; e idade superior aos 50 anos). Desta forma, foi utilizado o teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*. No entanto, não foram identificadas diferenças significativas (Tabela 5.25).

Tabela 5.25.

Resiliência em função da variável Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).

	Idade (anos)								Teste Kruskal-Wallis	
	[18;30] (n=45)]30;40] (n=33)]40;50] (n=21)		Superior a 50 (n=7)		$\chi^2_{(g.1.3)}$	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
M CSR	63,57	6,745	64,67	7,709	64,12	6,054	66,50	6,069	1,567	0,667
MCR	67,78	9,227	68,61	9,990	67,52	8,675	72,29	7,204	1,487	0,685
CF1	31,13	4,846	31,12	4,608	29,71	4,291	32,00	3,215	2,003	0,572
CF2	22,78	3,404	22,85	3,977	23,00	3,225	24,00	3,464	0,599	0,897
CF3	13,87	3,123	14,64	3,019	14,81	3,108	19,29	2,360	6,560	0,087
MSR	59,36	6,027	60,73	7,518	60,71	6,026	60,71	6,264	2,042	0,564
SF1	17,58	2,340	17,79	2,355	17,86	2,151	17,71	2,215	0,254	0,968
SF2	41,78	4,607	42,94	5,937	42,86	5,053	43,00	4,509	2,760	0,430

N=160

Nota. MCSR: *Measuring State and Child Resilience*; MCR: *Measuring Child Resilience*; CF1: Fator 1 – “I can”; CF2: fator 2 – “I have”; CF3 fator 3 – “I am”; MSR: *Measuring State Resilience*; SF1: Fator 1 – “I am/I can”; SF2: fator 2 – “I have”.

Seguidamente, foi analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a Idade. Os resultados obtidos através do teste paramétrico de *Pearson*, indicaram que nenhuma das escalas ou subescalas está associada com a Idade [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,084$; $p = 0,394$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,051$; $p = 0,606$); fator 1 – “I can” ($r = -0,061$; $p = 0,536$); fator 2 – “I have” ($r = 0,058$; $p = 0,558$); fator 3 – “I am” ($r = 0,176$; $p = 0,071$); *Measuring State Resilience* ($r = 0,105$; $p = 0,285$); fator 1 – “I am/I can” ($r = 0,051$; $p = 0,602$); fator 2 – “I have” ($r = 0,110$; $p = 0,260$)].

NACIONALIDADE

No que se refere à nacionalidade (categorizada em dois grupos: nacionalidade portuguesa e nacionalidade estrangeira), não foram encontradas diferenças significativas nos resultados obtidos para a Resiliência. Para esta análise foi utilizado o teste não paramétrico de *Mann-Whitney* (Tabela 5.26).

Tabela 5.26.

Resiliência em função da variável Nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Nacionalidade					
	Portuguesa (n=78)		Estrangeira (n=28)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Measuring State and Child Resilience (total)	64,63	6,826	63,04	6,885	961,500	0,349
Measuring Child Resilience	69,03	9,141	66,21	9,227	894,000	0,156
MCR Fator 1	31,09	4,579	30,39	4,557	991,500	0,470
MCR Fator 2	23,09	3,561	22,46	3,448	983,000	0,433
MCR Fator 3	14,85	2,768	13,36	3,623	859,000	0,092
Measuring State Resilience	60,24	6,684	59,86	6,004	1020,500	0,608
MSR Fator 1	17,85	2,245	17,32	2,342	933,000	0,245
MSR Fator 2	42,40	5,329	42,54	4,476	1088,000	0,977

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “*I can*”; MCR fator 2 – “*I have*”; MCR fator 3 – “*I am*”; MSR Fator 1 – “*I am/I can*”; MSR fator 2 – “*I have*”.

Procedeu-se, depois, à análise da associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e à nacionalidade. Os resultados obtidos, através do teste não paramétrico de *Spearman*, confirmam as análises anteriores, não encontrando associação entre estas variáveis [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,091$; $p = 0,352$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,139$; $p = 0,156$); fator 1 – “*I can*” ($r = 0,071$; $p = 0,473$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,077$; $p = 0,435$); fator 3 – “*I am*” ($r = 0,164$; $p = 0,092$); *Measuring State Resilience* ($r = 0,050$; $p = 0,610$); fator 1 – “*I am/I can*” ($r = 0,113$; $p = 0,247$); fator 2 – “*I have*” ($r = -0,003$; $p = 0,977$)].

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

Para análise das diferenças nos valores obtidos na Resiliência em função das habilitações literárias foi utilizado o teste paramétrico *t*.

Os resultados apresentam diferenças significativas entre o grupo com escolaridade até ao 3.º ciclo ($M=14,87$; $DP=2,983$) e o grupo com o ensino secundário ou ensino superior ($M=13,64$; $DP=3,118$), $t(106)=1,984$, $p=0,050$, apenas no fator 3 – “*I am*” da *Measuring Child Resilience* (Tabela 5.27).

Na análise da associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e as habilitações literárias, os resultados obtidos, através do teste paramétrico de *Pearson*, indicaram uma correlação positiva e significativa com o fator 3 – “*I am*” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,191$; $p = 0,050$). No entanto, o coeficiente *r* indica que a correlação é negligenciável ($|r| < 0,20$).

Na análise realizada às restantes escalas e fatores, os resultados indicam que não existe associação entre estas e as habilitações literárias [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,043$; $p = 0,663$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,037$; $p = 0,704$); fator 1 – “*I can*” ($r = -0,081$; $p = 0,411$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,036$; $p = 0,717$); *Measuring State Resilience* ($r = 0,037$; $p = 0,704$); fator 1 – “*I am/I can*” ($r = 0,031$; $p = 0,756$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,034$; $p = 0,730$)].

Tabela 5.27.Resiliência em função da variável *Habilitações literárias* (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Habilitações literárias				Teste <i>t</i>	
	Até ao 3.º ciclo (n=70)		Ensino Secundário - Superior (n=36)		<i>T</i>	<i>Sig.</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Measuring State and Child Resilience (total)	64,42	6,903	63,81	6,809	0,437	0,663
Measuring Child Resilience	68,53	9,262	67,81	9,202	0,381	0,704
MCR Fator 1	30,64	4,603	31,42	4,500	-0,826	0,411
MCR Fator 2	23,01	3,491	22,75	3,636	0,364	0,717
MCR Fator 3	14,87	2,983	13,64	3,118	1,984	0,050*
Measuring State Resilience	60,31	6,745	59,81	6,028	0,381	0,704
MSR Fator 1	17,76	2,053	17,61	2,676	0,312	0,756
MSR Fator 2	42,56	5,450	42,19	4,394	0,345	0,730

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “*I can*”; MCR fator 2 – “*I have*”; MCR fator 3 – “*I am*”; MSR Fator 1 – “*I am/I can*”; MSR fator 2 – “*I have*”.

ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTERIOR À RECLUSÃO

O teste *Mann-Whitney*, com o qual se procurou identificar a presença de diferenças nos valores da Resiliência em função da existência ou inexistência de uma atividade profissional anterior à reclusão, não encontrou diferenças significativas (Tabela 5.28).

Tabela 5.28.

Resiliência em função da variável Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividade profissional anterior à reclusão				Teste Mann-Whitney	
	Com atividade (n=80)		Sem atividade (n=26)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Measuring State and Child Resilience (total)	64,70	6,643	62,71	7,366	858,00	0,181
Measuring Child Resilience	68,63	9,163	67,23	9,433	939,500	0,460
MCR Fator 1	31,04	4,700	30,50	4,169	966,000	0,586
MCR Fator 2	23,01	3,495	22,65	3,676	991,000	0,718
MCR Fator 3	14,58	2,832	14,08	3,752	1026,00	0,917
Measuring State Resilience	60,78	6,254	58,19	6,917	799,500	0,077
MSR Fator 1	17,83	2,385	17,35	1,875	830,500	0,117
MSR Fator 2	42,95	4,644	40,85	6,123	840,500	0,142

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “I can”; MCR fator 2 – “I have”; MCR fator 3 – “I am”; MSR Fator 1 – “I am/I can”; MSR fator 2 – “I have”.

Na sequência, com recurso ao teste não paramétrico de *Spearman*, foi analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a atividade profissional anterior à reclusão.

Os resultados obtidos, indicam que não existe associação entre a atividade profissional anterior à reclusão e as escalas ou subescalas que avaliam a Resiliência [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,131$; $p = 0,182$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,072$; $p = 0,463$); fator 1 – “I can” ($r = 0,053$; $p = 0,588$); fator 2 – “I have” ($r = 0,035$; $p = 0,720$); fator 3 – “I am” ($r = 0,010$; $p = 0,918$); *Measuring State Resilience* ($r = 0,173$; $p = 0,077$); fator 1 – “I am/I can” ($r = 0,153$; $p = 0,117$); fator 2 – “I have” ($r = 0,143$; $p = 0,143$)].

3.2. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e a Resiliência

REINCIDÊNCIA

No estudo das diferenças entre o grupo de reincidentes e o grupo de primários no que diz respeito à Resiliência, foi utilizado o teste paramétrico *t*. Os resultados não indicam diferenças significativas (Tabela 5.29).

Tabela 5.29.

Resiliência em função da variável Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).

	Reincidência					
	Reincidentes (n=39)		Primários (n=67)		Teste <i>t</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Measuring State and Child Resilience (total)	64,72	7,849	63,92	6,232	0,578	0,564
Measuring Child Resilience	68,69	10,410	68,04	8,499	0,348	0,729
MCR Fator 1	30,95	4,622	30,88	4,561	0,74	0,941
MCR Fator 2	23,10	4,038	22,82	3,219	0,395	0,694
MCR Fator 3	14,64	2,987	14,34	3,136	0,480	0,633
Measuring State Resilience	60,74	7,618	59,79	5,759	0,728	0,469
MSR Fator 1	17,85	2,231	17,63	2,308	0,477	0,634
MSR Fator 2	42,90	6,108	42,16	4,433	0,713	0,478

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “*I can*”; MCR fator 2 – “*I have*”; MCR fator 3 – “*I am*”; MSR Fator 1 – “*I am/I can*”; MSR fator 2 – “*I have*”.

Num segundo momento, com recurso ao teste paramétrico de *Pearson*, foi analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a reincidência.

Os resultados obtidos, indicam que não existe associação entre a reincidência e as escalas ou subescalas que avaliam a Resiliência [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,077$; $p = 0,430$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,069$; $p = 0,479$); fator 1 – “*I can*” ($r = 0,000$; $p = 1,000$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,057$; $p = 0,588$); fator 3 – “*I am*” ($r = 0,038$; $p = 0,698$); *Measuring State Resilience* ($r = 0,139$; $p = 0,155$); fator 1 – “*I am/I can*” ($r = 0,045$; $p = 0,647$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,142$; $p = 0,147$)].

SITUAÇÃO PENAL

Para análise das diferenças nos valores obtidos na Resiliência em função da situação penal foi utilizado o teste paramétrico *t*.

Os resultados apresentam diferenças significativas entre grupos para a *Measuring State Resilience* ($t(106) = 2,528$; $p = 0,013$), onde o grupo de condenados ($M = 61,48$; $DP = 6,464$) apresenta valores médios superiores ao grupo de preventivos ($M = 58,33$; $DP = 6,131$). No que respeita aos fatores que compõem a escala, as diferenças são significativas para o fator 1 – “*I am/I can*” ($t(106) = 2,004$, $p = 0,048$), no qual o grupo de condenados ($M = 18,08$; $DP = 1,952$) apresenta valores médios mais elevados que o grupo de preventivos ($M = 17,20$; $DP = 2,581$). Os mesmos resultados são observados para o fator 2 – “*I have*” . Este apresenta diferenças significativas entre os grupos ($t(106) = 2,302$, $p = 0,023$), sendo que para o grupo de condenados ($M = 43,39$; $DP = 5,074$) volta a observar-se valores médios mais elevados que o grupo de preventivos ($M = 41,13$; $DP = 4,888$) (Tabela 5.30).

Na análise da associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a situação penal, os resultados obtidos indicaram uma correlação positiva fraca com *Measuring State Resilience* ($r = 0,241$; $p = 0,013$) e igualmente com os seus fatores: uma correlação positiva negligenciável para o fator “*I am/I can*” ($r = 0,193$; $p = 0,048$) e uma correlação positiva fraca para “*I have*” ($r = 0,220$; $p = 0,023$).

As restantes escalas e fatores não se encontram associadas com a situação penal [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,191$; $p = 0,064$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,099$; $p = 0,310$); fator 1 – “*I can*” ($r = -0,005$; $p = 0,958$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,118$; $p = 0,230$; e fator 3 – “*I am*” ($r = 0,171$; $p = 0,080$)].

Tabela 5.30.Resiliência em função da variável Situação penal (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Situação penal					
	Condenado (n=61)		Preventivo (n=45)		Teste <i>t</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Measuring State and Child Resilience (total)	65,27	6,609	62,78	6,971	1,875	0,064
Measuring Child Resilience	69,07	9,243	67,22	9,148	1,019	0,310
MCR Fator 1	30,89	4,394	30,93	4,831	-0,053	0,958
MCR Fator 2	23,28	3,588	22,44	3,422	1,207	0,230
MCR Fator 3	14,90	2,998	13,84	3,097	1,770	0,080
Measuring State Resilience	61,48	6,464	58,33	6,131	2,528	0,013*
MSR Fator 1	18,08	1,952	17,20	2,581	2,004	0,048*
MSR Fator 2	43,39	5,074	41,13	4,888	2,302	0,023*

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “*I can*”; MCR fator 2 – “*I have*”; MCR fator 3 – “*I am*”; MSR Fator 1 – “*I am/I can*”; MSR fator 2 – “*I have*”.

TEMPO DE PENA

Com recurso ao teste não paramétrico de *Kruskal-Wallis*, foram analisadas as eventuais diferenças nos valores obtidos para a Resiliência em função do tempo de pena (categorizado em quatro grupos: até um ano; entre 1 ano e 5 anos; entre 5 e 10 anos; e superior a 10), não tendo sido encontradas diferenças significativas. (Tabela 5.31).

Tabela 5.31.

Resiliência em função da variável Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).

	Tempo de pena								Teste Kruskal-Wallis	
	Até 1 ano (n=7)]1;5] (n=32)]5;10] (n=17)		Superior a 10 anos (n=5)		$\chi^2_{(g.1.3)}$	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
M CSR	62,57	6,228	65,50	7,613	66,18	4,616	64,50	6,727	1,376	0,711
MCR	62,00	11,776	70,03	9,519	70,29	6,863	68,60	9,017	3,413	0,332
CF1	28,57	4,928	31,53	4,472	30,35	4,242	31,80	3,347	1,791	0,617
CF2	20,86	4,811	23,47	3,341	24,18	2,721	22,40	5,225	3,042	0,385
CF3	12,57	3,780	15,03	3,021	15,76	2,412	14,40	2,510	3,975	0,264
MSR	63,14	5,336	60,97	7,554	62,06	4,548	60,40	7,021	0,389	0,942
SF1	18,57	1,813	18,13	2,028	17,94	1,600	17,60	3,050	1,137	0,768
SF2	44,57	3,823	42,84	5,974	42,12	3,967	42,80	4,147	0,758	0,860

N=61

Nota. MCSR: *Measuring State and Child Resilience*; MCR: *Measuring Child Resilience*; CF1: Fator 1 – “I can”; CF2: fator 2 – “I have”; CF3 fator 3 – “I am”; MSR: *Measuring State Resilience*; SF1: Fator 1 – “I am/I can”; SF2: fator 2 – “I have”.

Posteriormente, foi analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e o tempo de pena. Os resultados obtidos reafirmam que não existe associação entre o tempo de pena e as escalas ou subescalas que avaliam a Resiliência [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,168$; $p = 0,087$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,133$; $p = 0,176$); fator 1 – “I can” ($r = 0,057$; $p = 0,563$); fator 2 – “I have” ($r = 0,138$; $p = 0,162$); fator 3 – “I am” ($r = 0,156$; $p = 0,111$); *Measuring State Resilience* ($r = 0,166$; $p = 0,091$); fator 1 – “I am/I can” ($r = 0,114$; $p = 0,249$); fator 2 – “I have” ($r = 0,161$; $p = 0,102$)].

TEMPO DE RECLUSÃO

Na análise das diferenças entre grupos, no que diz respeito ao tempo de reclusão (categorizado em dois grupos: até 2 anos e superior a 2 anos), não foram encontradas diferenças significativas nos resultados obtidos para as escalas que avaliam a Resiliência (Tabela 5.32).

Tabela 5.32.

Resiliência em função da variável Tempo de reclusão (Médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney)

	Tempo de reclusão				Teste Mann-Whitney	
	Até 2 anos (n=41)		Superior a 2 anos (n=19)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Measuring State and Child Resilience (total)	64,52	6,932	67,16	5,679	301,500	0,162
Measuring Child Resilience	67,98	9,941	71,74	7,271	306,000	0,184
MCR Fator 1	30,37	4,877	32,00	3,091	293,000	0,124
MCR Fator 2	22,90	3,760	24,21	3,155	319,000	0,260
MCR Fator 3	14,71	3,035	15,53	2,855	318,500	0,253
Measuring State Resilience	61,07	6,976	62,58	5,326	351,000	0,540
MSR Fator 1	18,12	2,052	18,05	1,810	361,500	0,648
MSR Fator 2	42,95	5,513	44,53	3,977	324,500	0,300

N=60

Nota.1 sujeito não respondeu; MCR Fator 1 – “I can”; MCR fator 2 – “I have”; MCR fator 3 – “I am”; MSR Fator 1 – “I am/I can”; MSR fator 2 – “I have”.

No entanto, quando analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e o tempo de reclusão, para a *Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,222$; $p = 0,023$), o fator 2 – “I have” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,214$; $p = 0,029$), para

Measuring State Resilience ($r = 0,215$; $p = 0,029$) e para o seu fator 2 – “*I have*” ($r = 0,217$; $p = 0,027$) são apresentadas correlações positivas fracas com o tempo de reclusão [*Measuring Child Resilience* ($r = 0,179$; $p = 0,069$); fator 1 – “*I can*” ($r = 0,093$; $p = 0,348$); fator 3 – “*I am*” ($r = 0,154$; $p = 0,119$); fator 1 – “*I am/I can*” ($r = 0,125$; $p = 0,204$) da *Measuring State Resilience*;)].

3.3. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com a Resiliência

ATIVIDADES FORMATIVAS

Com recurso ao Teste *t*, compararam-se diferenças nos valores obtidos na Resiliência em função da participação em atividades formativas e não foram observadas diferenças significativas entre os grupos (Tabela 5.33).

Seguidamente, foi analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a participação em atividades formativas, com recurso ao teste paramétrico de *Pearson*.

Os resultados indicam que não existe associação entre as atividades formativas e as escalas ou subescalas que avaliam a Resiliência [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,119$; $p = 0,850$); *Measuring Child Resilience* ($r = -0,079$; $p = 0,418$); fator 1 – “*I can*” ($r = -0,056$; $p = 0,565$); fator 2 – “*I have*” ($r = -0,084$; $p = 0,390$); fator 3 – “*I am*” ($r = -0,057$; $p = 0,559$); *Measuring State Resilience* ($r = 0,152$; $p = 0,120$); fator 1 – “*I am/I can*” ($r = 0,134$; $p = 0,172$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,134$; $p = 0,172$)].

Tabela 5.33.Resiliência em função da variável Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Atividades formativas				Teste <i>t</i>	
	Sim (n=58)		Não (n=48)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Measuring State and Child Resilience (total)	64,33	6,484	64,07	7,325	0,190	0,850
Measuring Child Resilience	67,62	9,020	69,08	9,455	-0,813	0,418
MCR Fator 1	30,67	4,540	31,19	4,620	-0,577	0,565
MCR Fator 2	22,66	3,659	23,25	3,368	-0,864	0,390
MCR Fator 3	14,29	2,778	14,65	3,411	-0,587	0,559
Measuring State Resilience	61,03	6,266	59,06	6,647	1,569	0,120
MSR Fator 1	17,98	2,366	17,38	2,130	1,377	0,172
MSR Fator 2	43,05	4,810	41,69	5,380	1,377	0,171

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “I can”; MCR fator 2 – “I have”; MCR fator 3 – “I am”; MSR Fator 1 – “I am/I can”; MSR fator 2 – “I have”.

ATIVIDADES LABORAIS

O teste *t*, na análise das diferenças entre grupos, indica não existirem diferenças para a Personalidade Criativa em função da experiência de atividades laborais no estabelecimento prisional (Tabela 5.34).

Tabela 5.34.Resiliência em função da variável Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Atividades laborais				Teste <i>t</i>	
	Sim (n=35)		Não (n=71)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Measuring State and Child Resilience (total)	64,04	7,987	64,30	6,268	-0,178	0,859
Measuring Child Resilience	68,00	11,254	68,42	8,093	-0,221	0,825
MCR Fator 1	30,34	5,546	31,18	4,005	-0,891	0,375
MCR Fator 2	23,31	4,269	22,73	3,112	0,798	0,427
MCR Fator 3	14,34	2,920	14,51	3,162	-0,258	0,797
Measuring State Resilience	60,09	7,131	60,17	6,197	-0,062	0,951
MSR Fator 1	17,83	2,294	17,65	2,275	0,384	0,702
MSR Fator 2	42,26	5,585	42,52	4,878	-0,250	0,803

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “*I can*”; MCR fator 2 – “*I have*”; MCR fator 3 – “*I am*”; MSR Fator 1 – “*I am/I can*”; MSR fator 2 – “*I have*”.

Seguidamente, foi analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a participação em atividades laborais. Os resultados indicam que não existe associação entre as atividades laborais e as escalas ou subescalas que avaliam a Resiliência [*Measuring State and Child Resilience* ($r = -0,017$; $p = 0,859$); *Measuring Child Resilience* ($r = -0,022$; $p = 0,825$); fator 1 – “*I can*” ($r = -0,087$; $p = 0,375$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,078$; $p = 0,427$); fator 3 – “*I am*” ($r = -0,025$; $p = 0,797$); *Measuring State Resilience* ($r = -0,006$; $p = 0,951$); fator 1 – “*I am/I can*” ($r = -0,038$; $p = 0,702$); fator 2 – “*I have*” ($r = -0,024$; $p = 0,803$)].

ATIVIDADES LÚDICO-PEDAGÓGICAS E RECREATIVAS

As diferenças observadas nos valores médios obtidos para a Resiliência em função das atividades lúdico-pedagógicas e recreativas são significativas na *Measuring Child Resilience* ($U = 310,500$; $p = 0,028$), entre o grupo que frequenta atividades lúdico-pedagógicas e recreativas ($M = 73,00$; $DP = 6,213$) e o grupo que não frequenta ($M = 67,74$; $DP = 9,361$), e no fator 1 – “*I can*” desta escala ($U = 298,000$; $p = 0,020$), considerando assim que o grupo que frequenta ($M = 33,91$; $DP = 2,239$) apresenta valores médios superiores ao grupo que não frequenta ($M = 30,56$; $DP = 4,577$) (Tabela 5.35).

Tabela 5.35.

Resiliência em função da variável Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas					
	Sim (n=11)		Não (n=95)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Measuring State and Child Resilience (total)	67,14	2,202	63,87	7,025	336,000	0,053
Measuring Child Resilience	73,00	6,213	67,74	9,361	310,500	0,028*
MCR Fator 1	33,91	3,239	30,56	4,577	298,000	0,020*
MCR Fator 2	24,18	3,459	22,78	3,523	375,000	0,125
MCR Fator 3	14,91	2,427	14,90	3,143	478,500	0,645
Measuring State Resilience	61,27	3,036	60,01	6,771	485,500	0,701
MSR Fator 1	17,00	2,236	17,79	2,273	398,000	0,189
MSR Fator 2	44,27	2,102	42,22	5,302	391,500	0,174

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “*I can*”; MCR fator 2 – “*I have*”; MCR fator 3 – “*I am*”; MSR Fator 1 – “*I am/I can*”; MSR fator 2 – “*I have*”.

Quando analisada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a participação em atividades lúdico-pedagógicas e recreativas, apenas para a *Measuring Child Resilience* ($r = 0,215$; $p = 0,027$) e para o seu fator 1 – “*I can*” ($r = 0,228$; $p = 0,019$) são apresentadas correlações positivas fracas [*Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,189$; $p = 0,053$); fator 2 – “*I have*” ($r = 0,150$; $p = 0,25$) e fator 3 – “*I am*” ($r = 0,045$; $p = 0,648$) da *Measuring Child Resilience*; *Measuring State Resilience* ($r = 0,037$; $p = 0,703$), fator 1 – “*I am/I can*” ($r = -0,128$; $p = 0,190$) e fator 2 – “*I have*” ($r = -0,133$; $p = 0,175$)].

ATIVIDADES DESPORTIVAS

Através do teste *Mann-Whitney*, constatou-se que não existem diferenças significativas, nos resultados obtidos na Resiliência, entre o grupo que pratica e o que não pratica atividades desportivas (Tabela 5.36).

Posteriormente, com recurso ao teste paramétrico de *Pearson*, foi estudada a associação entre as diferentes variáveis relativas à Resiliência e a prática de atividades desportivas.

Os resultados não apontam para uma associação entre a prática de atividades desportivas e as escalas ou subescalas que avaliam a Resiliência [*Measuring State and Child Resilience* ($r = -0,031$; $p = 0,750$); *Measuring Child Resilience* ($r = 0,008$; $p = 0,938$); fator 1 – “*I can*” ($r = -0,022$; $p = 0,825$); fator 2 – “*I have*” ($r = -0,039$; $p = 0,691$); fator 3 – “*I am*” ($r = 0,100$; $p = 0,308$); *Measuring State Resilience* ($r = -0,077$; $p = 0,432$); fator 1 – “*I am/I can*” ($r = -0,144$; $p = 0,141$); fator 2 – “*I have*” ($r = -0,034$; $p = 0,730$)].

Tabela 5.36.

Resiliência em função da variável Atividades desportivas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades desportivas					
	Sim (n=10)		Não (n=96)		Teste Mann-Whitney	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>Sig.</i>
Measuring State and Child Resilience (total)	63,55	4,705	64,28	7,046	436,500	0,638
Measuring Child Resilience	68,50	6,980	68,26	9,435	469,000	0,905
MCR Fator 1	30,60	4,326	30,94	4,606	427,500	0,569
MCR Fator 2	22,50	2,991	22,97	3,588	436,000	0,633
MCR Fator 3	15,40	2,171	14,35	3,142	386,500	0,308
Measuring State Resilience	58,60	3,169	60,30	6,728	354,500	0,174
MSR Fator 1	16,70	2,111	17,81	2,273	318,000	0,074
MSR Fator 2	41,90	3,843	42,49	5,223	435,000	0,626

N=106

Nota. MCR Fator 1 – “I can”; MCR fator 2 – “I have”; MCR fator 3 – “I am”; MSR Fator 1 – “I am/I can”; MSR fator 2 – “I have”.

4. Resultados da Escala de Satisfação com o Suporte Social

A Satisfação com o Suporte Social começou por ser estudada segundo a análise da estatística descritiva da escala. Assim, na Escala de Satisfação com o Suporte Social os resultados médios variam entre 21 e 73, com uma média de 46,83 ($DP = 10,624$). Atendendo, ainda, aos fatores, na “satisfação com os amigos” foi observada uma média de 16,51 ($DP = 5,064$), um mínimo de 5 e um máximo de 25; na “intimidade” a média apontada é de 12,20 ($DP = 3,495$), apresentando um mínimo de 4 e um máximo de 20; na “satisfação com a família” os valores variam entre 3 e 15, com uma média de 10,14 ($DP = 3,689$); e nas “atividades sociais” a média observada é de 7,98 ($DP = 3,198$), apresentando como resultado mínimo o valor 3 e máximo o valor 15.

Posteriormente, procedeu-se à comparação de grupos em função das variáveis sociodemográficas, jurídico-penais e das variáveis relativas à ocupação no estabelecimento prisional.

4.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis sociodemográficas e associação entre estas e a Satisfação com o Suporte Social

IDADE

As eventuais diferenças nos valores obtidos na Escala de Satisfação com o Suporte Social e respetivas subescalas em função da idade (categorizada em quatro grupos: dos 18 aos 30 anos; dos 30 aos 40; dos 40 aos 45; e idade superior aos 50 anos) foram verificadas com recurso ao teste não paramétrico *Kruskal-Wallis*. Os resultados não identificaram diferenças significativas (Tabela 5.37).

Foi, depois, analisada a associação entre a Satisfação com o Suporte Social, respetivas subescalas, e a idade. Os resultados obtidos através do teste paramétrico de *Pearson*, indicaram que a idade e a Satisfação com o Suporte Social não estão associadas ($r = -0,170$; $p = 0,082$).

Quando a análise se estende aos fatores que compõe a escala total, para a *satisfação com os amigos* ($r = -0,191$; $p = 0,049$) os resultados sugerem uma correlação negativa significativa entre este fator e a idade. Contudo, o coeficiente de r indica que a correlação é negligenciável. No que diz respeito à *intimidade* ($r = -0,082$; $p = 0,401$), à *satisfação com a*

família ($r = -0,090$; $p = 0,361$) e com as atividades sociais ($r = -0,067$; $p = 0,495$), o teste de Pearson sugere a inexistência de associação.

Tabela 5.37.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Idade (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).

	Idade (anos)								Teste Kruskal-Wallis	
	[18;30] (n=45)]30;50] (n=33)]40;50] (n=21)		Superior a 50 (n=7)		$\chi^2_{(g.1.3)}$	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
SSS	49,62	9,921	45,36	10,836	42,57	10,856	48,57	9,846	6,998	0,072
F1	17,82	4,754	15,91	4,164	14,76	6,300	16,14	5,699	5,884	0,117
F2	12,60	3,319	12,12	4,181	11,14	2,780	13,14	2,795	4,262	0,235
F3	10,69	3,246	9,70	4,058	9,67	3,877	10,17	4,337	1,282	0,733
F4	8,51	3,020	7,64	3,229	7,00	3,421	9,14	3,132	5,219	0,156

N=106

Nota. F1: fator 1 – “Satisfação com os amigos”; F2: fator 2 – “Intimidade”; F3: fator 3 – “Satisfação com a família”; F4: fator 4 – “atividades sociais”.

NACIONALIDADE

Quando analisados os resultados da Escala de Satisfação com o Suporte Social em função da nacionalidade (categorizada em dois grupos: nacionalidade portuguesa e nacionalidade estrangeira), não foram encontradas diferenças significativa. Para esta análise foi utilizado o teste não paramétrico de *Mann-Whitney* (Tabela 5.38).

Tabela 5.38.

Satisfação com o Suporte Social em função da nacionalidade (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Nacionalidade				Teste Mann-Whitney	
	Portuguesa (n=78)		Estrangeira (n=28)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Satisfação com o Suporte Social (total)	47,03	11,644	46,29	7,200	1058,000	0,807
Fator 1	16,55	5,332	16,39	4,315	1082,500	0,946
Fator 2	12,21	3,735	12,18	2,776	1075,000	0,903
Fator 3	10,33	3,544	9,61	4,086	991,000	0,467
Fator 4	7,94	3,25	8,11	3,695	1089,000	0,983

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

No sentido de verificar a associação entre a Satisfação com o Suporte Social, respetivas subescalas, e a nacionalidade, recorreu-se ao teste não paramétrico de *Spearman*. Os resultados demonstram que a nacionalidade portuguesa e a Satisfação com o Suporte Social não estão associadas ($r = 0,024$; $p = 0,808$). Os mesmos resultados foram encontrados para os fatores que compõe a escala total, nomeadamente para a *satisfação com os amigos* ($r = 0,007$ $p = 0,946$), para a *intimidade* ($r = 0,012$; $p = 0,903$), a *satisfação com a família* ($r = 0,071$; $p = 0,469$) e para as *atividades sociais* ($r = -0,002$; $p = 0,983$).

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

As diferenças nos valores obtidos na Satisfação com o Suporte Social em função das habilitações literárias foram analisadas com recurso ao teste *t*. Os resultados não apresentam diferenças significativas (Tabela 5.39).

Tabela 5.39.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Habilitações literárias (médias, desvios-padrão e teste *t*).

	Habilitações literárias				Teste <i>t</i>	
	Até ao 3.º ciclo (n=70)		Ensino Secundário - Superior (n=36)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Satisfação com o Suporte Social (total)	47,21	10,174	46,08	11,562	0,517	0,606
Fator 1	16,50	4,998	16,53	5,262	-0,027	0,979
Fator 2	12,53	3,287	11,56	3,836	1,363	0,176
Fator 3	10,00	3,675	10,42	3,752	-0,549	0,584
Fator 4	8,19	3,285	7,58	3,027	0,918	0,361

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

Posteriormente, apurou-se a associação entre a Satisfação com o Suporte Social, respetivas subescalas, e as habilitações literárias.

Os resultados demonstram que as habilitações literárias e a Satisfação com o Suporte Social não estão associadas ($r = 0,051$; $p = 0,606$), tal como acontece com os fatores *satisfação com os amigos* ($r = 0,003$; $p = 0,979$), *intimidade* ($r = 0,132$; $p = 0,176$), *satisfação com a família* ($r = 0,054$; $p = 0,584$) e *atividades sociais* ($r = -0,090$; $p = 0,361$).

ATIVIDADE PROFISSIONAL ANTERIOR À RECLUSÃO

Utilizando o teste *Mann-Whitney*, procurou identificar-se a presença de diferenças nos valores da Satisfação com o Suporte Social em função da existência ou inexistência de uma atividade profissional anterior à reclusão. Os resultados apresentam-se significativos para o fator “*satisfação com a família*” ($U = 758,0$; $p = 0,037$), no qual o grupo com atividade profissional anterior à reclusão ($M = 10,51$; $DP = 3,738$) apresenta valores médios superiores ao grupo sem atividade ($M = 9,00$; $DP = 3,347$) (Tabela 5.40).

Tabela 5.40.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividade profissional anterior à reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividade profissional anterior à reclusão				Teste Mann-Whitney	
	Com atividade (n=80)		Sem atividade (n=26)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Satisfação com o Suporte Social (total)	47,06	11,228	46,12	8,659	960,0	0,557
Fator 1	16,66	5,519	16,04	3,340	899,5	0,301
Fator 2	12,01	3,637	12,77	3,011	937,0	0,447
Fator 3	10,51	3,738	9,00	3,347	758,0	0,037*
Fator 4	7,88	3,176	8,31	3,308	967,0	0,590

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

Por último, verificou-se a associação entre a Satisfação com o Suporte Social, respetivas subescalas, e a atividade profissional anterior à reclusão.

Os resultados demonstram que a existência de atividade profissional anterior e a Satisfação com o Suporte Social não estão associadas ($r = 0,057$; $p = 0,559$). O mesmo resultado é indicado para os fatores *satisfação com os amigos* ($r = 0,101$; $p = 0,303$), *intimidade* ($r = -0,074$; $p = 0,450$), e *atividades sociais* ($r = -0,053$; $p = 0,592$).

Confirma-se uma associação entre a *satisfação com a família* e a atividade profissional anterior à reclusão ($r = 0,303$; $p = 0,037$), com uma correlação positiva fraca.

4.1. Diferenças entre grupos em função das variáveis jurídico-penais e associação entre estas e a Satisfação com o Suporte Social

REINCIDÊNCIA

No estudo das diferenças, através do teste paramétrico *t*, entre o grupo de reincidentes e o grupo de primários no que diz respeito à Satisfação com o Suporte Social, os resultados não indicam diferenças significativas. Foram encontradas diferenças significativas apenas para as *atividades sociais* ($t(106) = -2,332$; $p = 0,022$), considerando que o grupo de reincidentes ($M = 7,05$; $DP = 2,523$) apresenta valores médios inferiores ao grupo de primários ($M = 8,52$; $DP = 3,435$) para este fator (Tabela 5.41).

Tabela 5.41.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Reincidência (médias, desvios-padrão e teste t).

	Reincidência				Teste <i>t</i>	
	Reincidentes (n=39)		Primários (n=67)		<i>T</i>	Sig.
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Satisfação com o Suporte Social (total)	45,08	10,304	47,85	10,750	-1,301	0,196
Fator 1	15,90	4,887	16,87	5,167	-0,949	0,345
Fator 2	11,54	3,604	12,58	3,399	-1,491	0,139
Fator 3	10,59	3,408	9,88	3,844	0,954	0,342
Fator 4	7,05	2,523	8,52	3,435	-2,332	0,022*

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

No estudo da associação entre a Satisfação com o Suporte Social e a reincidência, é novamente o fator *atividades sociais* que apresenta resultados significativos, com uma correlação negativa fraca com a reincidência ($r = -0,223$; $DP = 0,022$). Para a escala total e

para os restantes fatores não se verifica associação com a reincidência [Escala de Satisfação com o Suporte Social ($r = -0,127$; $p = 0,196$); *satisfação com os amigos* ($r = -0,093$; $p = 0,345$); *intimidade* ($r = -0,145$; $p = 0,139$); e *satisfação com a família* ($r = 0,093$; $p = 0,342$)].

SITUAÇÃO PENAL

Na análise das diferenças nos valores obtidos na Satisfação com o Suporte Social em função da situação penal, utilizando o teste paramétrico *t*, apenas o fator *satisfação com os amigos* apresenta diferenças significativas ($t(106) = 2,127$; $p = 0,036$), no qual o grupo de condenados ($M = 17,39$; $DP = 4,907$) obtém valores médios superiores ao grupo de preventivos ($M = 15,31$; $DP = 5,080$) (Tabela 5.42).

Tabela 5.42.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Situação penal (médias, desvios-padrão e teste t).

	Situação penal					
	Condenados (n=61)		Preventivos (n=45)		Teste <i>t</i>	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Satisfação com o Suporte Social (total)	48,43	10,762	44,67	10,153	1,821	0,072
Fator 1	17,39	4,907	15,31	5,080	2,127	0,036*
Fator 2	12,51	3,419	11,78	3,592	1,064	0,290
Fator 3	10,57	3,761	9,56	3,546	1,411	0,161
Fator 4	7,95	2,991	8,02	3,493	-0,113	0,910

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

É apenas com o fator *satisfação com os amigos* que a situação penal apresenta uma correlação significativa ($r = 0,204$; $p = 0,036$), positiva e moderada. Desta forma, não foram verificadas associações entre a situação penal e a Escala de Satisfação com o Suporte Social (r

= 0,176; $p = 0,072$), ou com os fatores *intimidade* ($r = 0,104$; $p = 0,209$), *satisfação com a família* ($r = 0,137$; $p = 0,161$) e *atividades sociais* ($r = 0,011$; $p = 0,910$).

TEMPO DE PENA

Quando analisadas as diferenças entre grupos nos valores obtidos para a Satisfação com o Suporte Social em função do tempo de pena (categorizado em quatro grupos: até um ano; entre 1 ano e 5 anos; entre 5 e 10 anos; e superior a 10), não foram identificadas diferenças significativas (Tabela 5.43).

Tabela 5.43.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Tempo de pena (médias, desvios-padrão e teste Kruskal-Wallis).

	Tempo de pena								Teste Kruskal-Wallis	
	Até 1 ano (n=7)]1;5] (n=32)]5;10] (n=17)		Superior a 10 anos (n=5)		$\chi^2_{(g.l.3)}$	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP		
SSS	48,57	7,458	49,81	10,923	48,35	10,192	39,60	14,170	2,975	0,395
F1	17,43	4,276	17,50	4,971	18,53	3,727	12,80	7,396	3,970	0,265
F2	12,86	2,795	13,00	3,538	12,06	3,363	10,40	3,578	2,388	0,496
F3	10,14	3,579	10,88	3,563	10,59	4,258	9,20	4,324	1,001	0,801
F4	8,14	3,761	8,44	2,770	7,18	2,921	7,20	3,768	3,249	0,335

N=61

Nota. SSS: Satisfação com o Suporte Social; F1: Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; F2: fator 2 – “Intimidade”; F3: fator 3 – “Satisfação com a família”; F4: fator 4 – “atividades sociais”.

Com recurso ao teste de correlação de *Pearson*, conclui-se que não existe associação entre o tempo de pena e a Satisfação com o Suporte Social ($r = 0,034$; $p = 0,727$). Da mesma forma, este resultado verifica-se para os fatores *satisfação com os amigos* ($r = 0,080$; $p = 0,415$), *intimidade* ($r = -0,025$; $p = 0,799$), *satisfação com a família* ($r = 0,083$; $p = 0,401$) e *atividades sociais* ($r = -0,081$; $p = 0,409$).

TEMPO DE RECLUSÃO

Quando avaliadas as diferenças entre grupos nos resultados obtidos para a Satisfação com o Suporte Social em função do tempo de reclusão (categorizado em dois grupos: até 2 anos e superior a 2 anos), não foram encontradas diferenças significativas (Tabela 44).

Tabela 5.44.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Tempo de reclusão (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Tempo de reclusão				Teste Mann-Whitney	
	Até 2 anos (n=41)		Superior a 2 anos (n=19)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Satisfação com o Suporte Social (total)	47,73	11,274	49,74	9,999	347,500	0,504
Fator 1	16,95	5,113	18,26	4,556	338,500	0,416
Fator 2	12,56	3,715	12,32	2,849	355,000	0,581
Fator 3	10,24	3,884	11,21	3,584	334,500	0,378
Fator 4	7,98	3,174	7,95	2,7180	374,500	0,810

N=60

Nota. 1 sujeito condenado não respondeu; Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

No que diz respeito à associação entre a Satisfação com o Suporte social e o tempo de reclusão, esta verifica-se apenas entre a *satisfação com os amigo* e o tempo de reclusão ($r = 0,236$; $p = 0,016$), com uma correlação positiva fraca [Satisfação com o Suporte Social ($r = 0,175$; $p = 0,075$); *intimidade* ($r = 0,031$; $p = 0,754$); *satisfação com a família* ($r = 0,160$; $p = 0,105$); *atividades sociais* ($r = -0,010$; $p = 0,920$)].

4.2. Diferenças entre grupos em função da ocupação no estabelecimento prisional e associação com a Satisfação com o Suporte Social

ATIVIDADES FORMATIVAS

Com recurso ao Teste *t*, compararam-se diferenças nos valores obtidos na Escala de Satisfação com o Suporte Social em função da participação em atividades formativas.

Os resultados não identificaram diferenças significativas entre os grupos. Podemos, no entanto, referir que o grupo que frequenta atividades formativas ($M=45,040$; $DP=10,892$) apresenta valores médios mais altos que o grupo que não frequenta ($M=48,56$; $DP=10,133$) (Tabela 5.45).

Tabela 5.45.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades formativas (médias, desvios-padrão e teste t).

	Atividades formativas				Teste <i>t</i>	
	Sim (n=58)		Não (n=48)		<i>T</i>	<i>Sig.</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Satisfação com o Suporte Social (total)	45,040	10,892	48,56	10,133	-1,537	0,127
Fator 1	15,88	5,151	17,27	4,902	-1,415	0,160
Fator 2	11,81	3,556	12,67	3,398	-1,259	0,211
Fator 3	10,00	3,593	10,31	3,832	-0,432	0,666
Fator 4	7,71	3,173	8,31	3,230	-0,970	0,334

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

Em seguida, foi estudada a associação entre a Satisfação com o Suporte Social e a participação em atividades formativas. O teste de correlação de *Pearson* indicou não existir correlação significativa entre estas duas variáveis [Escala de Satisfação com o Suporte Social

($r = 0,149$; $p = 0,127$); *satisfação com os amigos* ($r = 0,137$; $p = 0,160$); *intimidade* ($r = 0,123$; $p = 0,211$); *satisfação com a família* ($r = 0,042$; $p = 0,666$); *atividades sociais* ($r = 0,095$; $p = 0,334$).

ATIVIDADES LABORAIS

O teste t , na análise das diferenças entre grupos, indica não existirem diferenças para a Satisfação com o Suporte Social em função da experiência de atividades laborais no estabelecimento prisional (Tabela 5.46).

Tabela 5.46.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades laborais (médias, desvios-padrão e teste t).

	Atividades laborais				Teste t	
	Sim (n=35)		Não (n=71)		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Satisfação com o Suporte Social (total)	46,89	9,800	46,80	11,075	0,038	0,970
Fator 1	16,97	4,611	16,28	5,289	0,658	0,512
Fator 2	11,94	3,134	12,32	3,675	-0,526	0,600
Fator 3	10,40	3,371	10,01	3,853	0,505	0,615
Fator 4	7,57	3,080	8,18	3,257	-0,925	0,357

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

Num segundo momento, foi analisada a eventual associação entre a Satisfação com o Suporte Social e a prática de atividades laborais. Os resultados não identificam uma correlação significativa entre estas duas variáveis [Escala de Satisfação com o Suporte Social ($r = -0,004$; $p = 0,970$); *satisfação com os amigos* ($r = -0,064$; $p = 0,512$); *intimidade* ($r =$

0,052; $p = 0,600$); *satisfação com a família* ($r = -0,049$; $p = 0,615$); *atividades sociais* ($r = 0,090$; $p = 0,357$)].

ATIVIDADES LÚDICO-PEDAGÓGICAS E RECREATIVAS

As diferenças observadas nos valores médios obtidos para a Satisfação com o Suporte Social, no grupo que frequenta atividades lúdico-pedagógicas e recreativas e o grupo que não frequenta, foram consideradas não significativas pelo teste *Mann-Whitney* (Tabela 5.47).

Tabela 5.47.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas (médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas				Teste Mann-Whitney	
	Sim (n=11)		Não (n=95)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Satisfação com o Suporte Social (total)	46,91	9,924	46,82	10,752	518,000	0,963
Fator 1	16,36	4,478	16,53	5,149	499,000	0,807
Fator 2	12,45	3,643	12,17	3,497	515,500	0,942
Fator 3	9,73	3,875	10,19	3,685	484,500	0,692
Fator 4	8,36	2,767	7,94	3,254	465,500	0,553

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

Quando analisada a eventual associação entre a Satisfação com o Suporte Social e a participação em atividades lúdico-pedagógicas e recreativas, os resultados não apontam correlações significativa [Escala de Satisfação com o Suporte Social ($r = -0,005$; $p = 0,963$); *satisfação com os amigos* ($r = -0,024$; $p = 0,809$); *intimidade* ($r = -0,007$; $p = 0,942$); *satisfação com a família* ($r = 0,039$; $p = 0,694$); *atividades sociais* ($r = -0,058$; $p = 0,555$)].

ATIVIDADES DESPORTIVAS

As diferenças para a Satisfação com o Suporte Social, no grupo que pratica atividades desportiva e o grupo que não pratica, foram analisadas com recurso teste *Mann-Whitney*, que não encontrou diferenças significativas (Tabela 5.48).

Tabela 5.48.

Satisfação com o Suporte Social em função da variável Atividades desportivas Médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney).

	Atividades desportivas				Teste Mann-Whitney	
	Sim (n=10)		Não (n=96)		U	Sig.
	M	DP	M	DP		
Satisfação com o Suporte Social (total)	45,70	7,150	46,95	10,943	444,000	0,697
Fator 1	15,80	4,264	16,58	5,154	412,000	0,461
Fator 2	12,40	2,914	12,18	3,563	451,500	0,757
Fator 3	9,50	4,116	10,21	3,659	428,000	0,572
Fator 4	8,00	2,625	7,98	3,264	473,500	0,944

N=106

Nota. Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; fator 2 – “Intimidade”; fator 3 – “Satisfação com a família”; fator 4 – “atividades sociais”.

Por último, os resultados do teste de correlação de *Spearman* não identificam uma correlação significativa entre a satisfação com o Suporte Social e a prática de atividades desportivas [Escala de Satisfação com o Suporte Social ($r = -0,038$; $p = 0,699$); *satisfação com os amigos* ($r = -0,072$; $p = 0,464$); *intimidade* ($r = 0,030$; $p = 0,759$); *satisfação com a família* ($r = -0,055$; $p = 0,574$); *atividades sociais* ($r = 0,007$; $p = 0,944$)].

4. Associação entre a Personalidade Criativa, o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social

Estudadas as variáveis principais desta investigação em relação às variáveis que caracterizam a amostra, é importante conhecer como estas se relacionam entre si. Desta forma, foram analisadas as eventuais associações entre a Personalidade Criativa, o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social.

Considerando o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social variáveis indicadoras do mesmo constructo, o bem-estar, considerou-se pertinente iniciar esta análise pela associação entre as mesmas.

Confirmou-se a associação entre o Otimismo e a Resiliência.

Os resultados apontam para uma correlação positiva moderada entre a Escala de Otimismo e a *Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,585$; $p = 0,000$); uma correlação positiva moderada com a *Measuring Child Resilience* ($r = 0,428$; $p = 0,000$); uma correlação positiva fraca com os fatores “*I can*” ($r = 0,390$; $p = 0,000$), “*I have*” ($r = 0,350$; $p = 0,000$) e “*I am*” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,300$; $p = 0,002$); uma correlação positiva forte com a *Measuring State Resilience* ($r = 0,627$; $p = 0,000$); uma correlação positiva fraca com o fator “*I am/I can*” ($r = 0,359$; $p = 0,000$) e uma correlação positiva forte com o fator “*I have*” da *Measuring State Resilience* ($r = 0,638$; $p = 0,000$) (Tabela 5.49).

Neste sentido, pode considerar-se que para os valores elevados na Resiliência, tanto percebida na infância como no momento atual, os valores para o Otimismo tendem a ser também elevados, e o contrário.

O estudo da associação entre o Otimismo e a Satisfação com o Suporte Social sugere que esta não existe ($r = 0,118$; $p = 0,228$). Atendendo aos fatores da Escala de Satisfação com o Suporte Social, o fator *satisfação com a família* aparece associado com o Otimismo, apresentando uma correlação positiva ($r = 0,199$; $p = 0,041$), contudo negligenciável (Tabela 5.49).

No que diz respeito à associação entre a Satisfação com o Suporte Social e a Resiliência, este mesmo fator, a *satisfação com a família*, surge associado com a *Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,306$; $p = 0,001$) e com a *Measuring Child Resilience* ($r = 0,229$; $p = 0,018$), sendo observadas correlações positivas fracas para ambas. Respeitante a

esta última escala, a *satisfação com a família* está associada com o fator “*I can*”, com uma correlação positiva mas negligenciável ($r = 0,199$; $p = 0,040$), e com o fator “*I have*”, com uma correlação positiva fraca ($r = 0,259$; $p = 0,007$). Por último, a *satisfação com a família* está associada com a *Measuring State Resilience* ($r = 0,320$; $p = 0,001$), com o fator “*I am/I can*” ($r = 0,354$; $p = 0,000$) e com o fator “*I have*” ($r = 0,250$; $p = 0,010$), estando indicadas para estas associações correlações positivas fracas. Desta forma, não se verifica associação entre este fator e a Resiliência apenas para o fator “*I am*” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,093$; $p = 0,340$) (Tabela 5.49).

No entanto, não se verifica associação entre a Escala de Satisfação com o Suporte Social e a *Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,178$; $p = 0,069$) nem com uma das escalas que a compõem, a *Measuring Child Resilience* ($r = 0,124$; $p = 0,205$), mas confirma associação com um dos seus fatores, o fator “*I have*” ($r = 0,212$; $p = 0,029$), apresentando uma correlação positiva fraca. Os resultados apontam uma associação entre a Satisfação com o Suporte Social e a *Measuring State Resilience* ($r = 0,199$; $p = 0,041$), mas para uma correlação positiva negligenciável, e também com o fator “*I am/I can*” da mesma escala ($r = 0,306$; $p = 0,001$), apresentando uma correlação positiva fraca. Este fator, “*I am/I can*”, está correlacionado positivamente com o fator *satisfação com os amigos* ($r = 0,218$; $p = 0,025$) e *intimidade* ($r = 0,274$; $p = 0,005$) da Escala de Satisfação com o Suporte Social, com correlações positivas fracas. Podem ser, ainda, referida uma correlação positiva fraca entre o fator *satisfação com os amigos* e o fator “*I have*” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,259$; $p = 0,007$) e uma correlação negativa fraca entre o fator *atividades sociais* e o fator “*I am*” ($r = -0,233$; $p = 0,016$) (Tabela 5.49).

Em conclusão, quando avaliada a Satisfação com o Suporte Social, apenas a *satisfação com a família* parece relacionar-se com a Resiliência, variando os seus valores no mesmo sentido.

Tabela 5.49.

Coefficientes de correlação (r de Pearson) entre o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social.

	O.	MCSR	MCR			MSR			
			Total	F1	F2	F3	Total	F1	F2
Otimismo	1	0,585**	0,428**	0,390**	0,350**	0,300**	0,627**	0,359**	0,638**
ESSS	0,118	0,178	0,124	0,109	0,212*	-0,033	0,199*	0,306**	0,117
ESSS 1	0,024	0,141	0,110	0,038	0,259**	-0,023	0,041	0,218**	0,083
ESSS 2	0,092	0,113	0,092	0,093	0,078	0,048	0,108	0,274**	0,015
ESSS 3	0,199*	0,306**	0,229**	0,199*	0,259**	0,093	0,320**	0,354**	0,250**
ESSS 4	0,024	-0,110	-0,031	-0,031	-0,090	-0,233*	-0,050	-0,036	-0,048

** $p < 0,01$; * $p < 0,05$; N=106

Nota. O.: Otimismo; MCSR: *Measuring State and Child Resilience*; MCR: *Measuring Child Resilience* (F1: fator 1 – “I can”; F2: fator 2 – “I have”; F3: fator 3 – “I am”); MSR: *Measuring State Resilience* (F1: fator 1 – “I am/I can”; F2: fator 2 – “I have”); ESSS: Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS 1: Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; ESSS 2: fator 2 – “Intimidade”; ESSS 3: fator 3 – “Satisfação com a família”; ESSS 4: fator 4 – “atividades sociais”).

Num segundo momento, foi verificada a associação entre a Personalidade Criativa e as três variáveis de bem-estar, o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social.

Verificou-se associação entre a Personalidade Criativa e o Otimismo, apresentando os resultados uma correlação positiva moderada ($r = 0,498$; $p = 0,000$). Pode considerar-se, assim, que os valores para a Personalidade Criativa e para o Otimismo tendem a variar no mesmo sentido e que quanto mais os valores para a Personalidade Criativa são elevados mais elevados tendem a ser os valores para o Otimismo (Tabela 5.50).

Tabela 5.50.

Coeficientes de correlação (*r* de Pearson) entre a Personalidade Criativa e o Otimismo.

	Otimismo
Personalidade Criativa	0,489**

** $p < 0,01$; N=106

Resultados semelhantes foram encontrados para a Personalidade Criativa e a Resiliência, para as quais também se verificou uma associação.

Os resultados para a Personalidade Criativa e a *Measuring State and Child Resilience* indicam uma correlação positiva forte ($r = 0,639$; $p = 0,000$). No que diz respeito à *Measuring Child Resilience*, existe uma correlação positiva moderada ($r = 0,539$; $p = 0,000$). Igualmente para os seus fatores “*I can*” ($r = 0,481$; $p = 0,000$) e “*I have*” ($r = 0,438$; $p = 0,000$), à exceção do fator “*I am*” em que a correlação é positiva fraca ($r = 0,397$; $p = 0,000$). A associação entre a Personalidade Criativa e a *Measuring State Resilience* é indicada por uma correlação positiva moderada ($r = 0,584$; $p = 0,000$). Quando aos fatores desta última escala, para o fator “*I am/I can*” foi encontrada uma correlação positiva fraca com a Personalidade Criativa ($r = 0,363$; $p = 0,000$) e para “*I have*” uma correlação positiva moderada ($r = 0,582$; $p = 0,000$) (Tabela). Desta forma, pode considerar-se que para os valores elevados na Personalidade Criativa tendem a verificar-se valores elevados para a Resiliência, tanto percebida na infância como no momento atual (Tabela 5.51).

Tabela 5.51.

Coeficientes de correlação (*r* de Pearson) entre a Personalidade Criativa e a Resiliência.

	Resiliência							
	MCSR	MCR				MSR		
		Total	F1	F2	F3	Total	F1	F2
PC	0,639**	0,539**	0,481**	0,438**	0,397**	0,584**	0,363**	0,582**

** $p < 0,01$; N=106

Nota. PC: Personalidade Criativa; MCSR: *Measuring State and Child Resilience*; MCR: *Measuring Child Resilience* (F1: fator 1 – “*I can*”; F2: fator 2 – “*I have*”; F3: fator 3 – “*I am*”); MSR: *Measuring State Resilience* (F1: fator 1 – “*I am/I can*”; F2: fator 2 – “*I have*”).

Finalmente, a Personalidade Criativa e a Satisfação com o Suporte Social ($r = 0,035$; $p = 0,727$) não se encontram associadas. Apenas se verifica uma associação entre a Personalidade Criativa e o fator *a satisfação com a família* considerando uma correlação positiva fraca ($r = 0,268$; $p = 0,005$) (Tabela 5.52).

Tabela 5.52.

Coefficientes de correlação (r de Pearson) entre a Personalidade Criativa e a Satisfação com o Suporte Social.

	Satisfação com o Suporte Social				
	Total	F1	F2	F3	F4
Personalidade Criativa	0,035	0,034	-0,051	0,268**	-0,177

** $p < 0,01$; N=106

Nota. F1: Fator 1 – “Satisfação com os amigos”; F2: fator 2 – “Intimidade”; F3: fator 3 – “Satisfação com a família”; F4: fator 4 – “atividades sociais”.

5. Preditores da Personalidade Criativa

Considerando as relações significativas obtidas nos testes de correlações anteriores, pretendeu-se verificar que variáveis associadas à Personalidade Criativa poderiam ser preditoras da mesma. Neste sentido, recorreu-se à regressão hierárquica múltipla (pelo método enter). Foram tidas em conta apenas as variáveis caracterizadoras da amostra: Reincidência; Situação penal; Tempo de pena; e Tempo de reclusão.

Os resultados indicam que este modelo de regressão é significativo [$F(4, 103) = 3,226, p = 0,016$] e que o conjunto destas variáveis explica 11,5% ($R^2 = 0,115$) da variância da Personalidade Criativa. Contudo, apenas a Reincidência ($\beta = 0,244, t = 2,461, p = 0,016$) apresenta um efeito preditor significativo (Tabela 5.53).

Tabela 5.53.

Modelo de regressão hierárquica múltipla da Personalidade Criativa.

Variável Dependente	Variável Preditora	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Bloco 1				
Personalidade Criativa	Reincidência	0,244	2,461	0,016
	Situação penal	0,100	0,829	0,409
	Tempo de pena	0,026	0,172	0,864
	Tempo de reclusão	0,082	0,607	0,545

$R^2 = 0,115 [F(4, 103) = 3,226, p = 0,016]$

6. Personalidade Criativa preditora de Bem-estar

A Satisfação com o Suporte Social, com a exceção de alguns fatores, não apresentou correlações significativas que permitissem o interesse neste tipo de análise. Espera-se, desta forma, que a Personalidade Criativa não seja preditora da Satisfação com o Suporte Social.

Novamente, os preditores da Resiliência foram analisados com recurso à regressão hierárquica múltipla (pelo método enter).

Consideraram-se, inicialmente, as variáveis características da amostra com as quais se tinha encontrado associação anterior: Situação penal; Tempo de reclusão; e Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas. Este modelo explicativo mostrou-se significativo [$F(3, 103) = 3,308, p = 0,023$] e explica 9% ($R^2 = 0,090$) da variância da Resiliência. No entanto, nenhuma das variáveis apresenta um valor preditivo significativo.

Num segundo bloco, inseriu-se a variável Otimismo, também esta correlacionada significativamente com a Resiliência. Neste segundo modelo [$F(4, 103) = 14,188, p = 0,000$], com a introdução desta variável, a capacidade de predição aumenta substancialmente para 36,4% ($R^2 = 0,364$). O Otimismo demonstra ser a única variável com valor preditivo significativo ($\beta = 0,546, t = 6,534, p = 0,000$).

Por último, num terceiro bloco, introduziu-se a Personalidade Criativa. Este modelo explicativo é significativo [$F(5, 103) = 20,753, p = 0,000$] e superior na explicação da variância da Resiliência, aumentando para 51,4% ($R^2 = 0,514$) a capacidade de predição. O Otimismo ($\beta = 0,338, t = 4,089, p = 0,000$) e, agora, a Personalidade Criativa ($\beta = 0,454, t = 5,500, p = 0,000$) são as duas variáveis com valor preditivo significativo (Tabela 5.54).

Tabela 5.54.*Modelo de regressão hierárquica múltipla da Resiliência.*

Variável Dependente	Variável Preditora	<i>B</i>	<i>T</i>	<i>Sig.</i>
Bloco 1				
Resiliência	Situação penal	0,155	1,402	0,164
	Tempo de reclusão	0,156	1,449	0,150
	Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas	0,182	1,863	0,065
Bloco 2				
Resiliência	Situação penal	0,079	0,850	0,397
	Tempo de reclusão	0,090	0,986	0,327
	Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas	0,068	0,803	0,424
	Otimismo	0,546	6,534	0,000
Bloco 3				
Resiliência	Situação penal	0,021	0,255	0,799
	Tempo de reclusão	0,062	0,777	0,439
	Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas	0,045	0,606	0,546
	Otimismo	0,338	4,089	0,000
	Personalidade Criativa	0,454	5,500	0,000

 $R^2 = 0,090$ [$F(3, 103) = 3,308, p = 0,023$]

 $R^2 = 0,364$ [$F(4, 103) = 14,188, p = 0,000$]

 $R^2 = 0,514$ [$F(5, 103) = 20,753, p = 0,000$]

O Otimismo foi considerado anteriormente variável independente, atendendo a que este diz respeito ao otimismo disposicional. Contudo, o optimismo disposicional é menos estável do que muitos traços de personalidade (Segerstrom, 2007). Assim, considerou-se pertinente avaliar se a Personalidade Criativa teria um efeito preditivo nesta variável, agora variável dependente.

Este modelo apresenta-se como significativo [$F(1, 105) = 32,679, p = 0,000$]. Os resultados sugerem que a Personalidade Criativa tem efeito preditor significativo ($\beta = 0,489, t = 5,717, p = 0,000$) e que explica 23,9% ($R^2 = 0,239$) da variância do Otimismo (Tabela 5.55).

Tabela 5.55.

Modelo de regressão hierárquica múltipla do Otimismo.

Variável Dependente	Variável Preditora	B	T	Sig.
Bloco 1				
Otimismo	Personalidade Criativa	0,489	5,717	0,000
$R^2 = 0,239 [F(1, 105) = 32,679, p = 0,000]$				

Síntese

A Personalidade Criativa ($M = 121,67$; $DP = 15,718$), o Otimismo ($M = 16,66$; $DP = 2,725$), a Resiliência ($M = 64,21$; $DP = 2,725$) e a Satisfação com o Suporte Social ($M = 46,83$; $DP = 10,624$) foram analisadas em função das variáveis sociodemográficas (idade; nacionalidade; habilitações literárias; e atividade profissional anterior à reclusão), jurídico-penais (situação penal; reincidência; tempo de reclusão; e tempo de pena) e em função das atividades desenvolvidas no estabelecimento prisional (formativas; laborais; lúdico-pedagógicas e recreativas; e desportivas). Considerou-se, ainda, pertinente verificar a associação entre as mesmas.

A Personalidade Criativa, quando analisada em função das variáveis sociodemográficas, não apresentou diferenças significativas entre os grupos. Ao estudar a Personalidade Criativa em função das variáveis jurídico-penais, foram encontradas diferenças significativas entre o grupo de reincidentes ($M=127,54$; $DP=15,119$) e o grupo de primários ($M=118,25$; $DP=15,140$), $t(106)=3,046$, $p=0,003$; e entre o grupo de condenados ($M=124,41$; $DP=13,220$) e o grupo de preventivos ($M=117,96$; $DP=18,074$), $t(106)=2,124$, $p=0,036$. Foram encontradas correlações positivas fracas para estas duas variáveis, entre a reincidência e a Personalidade Criativa ($r = 0,286$; $p = 0,003$) e entre a situação penal e a Personalidade Criativa ($r = 0,204$; $p = 0,036$). Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os grupos, os resultados indicam correlações positivas fracas entre a Personalidade Criativa e o tempo de pena ($r = 0,218$; $p = 0,026$), e entre o tempo de reclusão ($r = 0,201$; $p = 0,041$). Na análise das diferenças entre grupos em função das atividades desenvolvidas no estabelecimento prisional, não foram encontrados resultados significativos. Não se verificaram, também, associações entre a Personalidade Criativa e as atividades desenvolvidas.

O Otimismo não apresenta diferenças significativas em função das variáveis que caracterizam a amostra. Considerando estes resultados, como esperado, também não está associado a nenhuma destas variáveis.

Quando analisados os resultados referentes à Resiliência em função das variáveis sociodemográficas foram apresentados apenas valores significativos para as habilitações literárias e o fator 3 – “*I am*” da *Measuring Child Resilience* ($t(106)=1,984$, $p=0,050$). Neste sentido, o grupo com escolaridade até ao 3.º ciclo ($M=14,87$; $DP=2,983$) apresenta valores mais elevados do que o grupo com o ensino secundário ou ensino superior ($M=13,64$;

$DP=3,118$). No entanto, entre este fator e a Resiliência foi encontrada uma correlação positiva negligenciável ($r = 0,191$; $p = 0,050$). No que respeita às variáveis jurídico-penais, os resultados apresentam diferenças significativas entre grupos para a *Measuring State Resilience* ($t(106) = 2,528$; $p = 0,013$), onde o grupo de condenados ($M = 61,48$; $DP = 6,464$) apresenta valores médios superiores ao grupo de preventivos ($M = 58,33$; $DP=6,131$); para o fator 1 – “*I am/I can*” ($t(106) = 2,004$, $p=0,048$), no qual o grupo de condenados ($M = 18,08$; $DP = 1,952$) apresenta valores médios mais elevados que o grupo de preventivos ($M = 17,20$; $DP = 2,581$); e para o fator 2 – “*I have*” ($t(106) = 2,302$, $p=0,023$), sendo que para o grupo de condenados ($M = 43,39$; $DP = 5,074$) volta a observar-se valores médios mais elevados que o grupo de preventivos ($M = 41,13$; $DP = 4,888$). A análise da associação entre a Resiliência e estas variáveis indicou uma correlação positiva fraca com *Measuring State Resilience* ($r = 0,241$; $p = 0,013$); uma correlação positiva negligenciável para o fator “*I am/I can*” ($r = 0,193$; $p = 0,048$) e uma correlação positiva fraca para “*I have*” ($r = 0,220$; $p = 0,023$). Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas na Resiliência em função do tempo de reclusão, foi encontrada associação entre este e a *Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,222$; $p = 0,023$), o fator 2 – “*I have*” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,214$; $p = 0,029$), para *Measuring State Resilience* ($r = 0,215$; $p = 0,029$) e para o seu fator 2 – “*I have*” ($r = 0,217$; $p = 0,027$), com correlações positivas fracas. Quando analisada a Resiliência em função das atividades desenvolvidas no estabelecimento prisional, as diferenças observadas nos valores médios obtidos são significativas na *Measuring Child Resilience* ($U = 310,500$; $p = 0,028$), entre o grupo que frequenta atividades lúdico-pedagógicas e recreativas ($M = 73,00$; $DP = 6,213$) e o grupo que não frequenta ($M = 67,74$; $DP = 9,361$), e no fator 1 – “*I can*” desta escala ($U = 298,000$; $p = 0,020$), atendendo a que o grupo que frequenta ($M = 33,91$; $DP = 2,239$) apresenta valores médios superiores ao grupo que não frequenta ($M = 30,56$; $DP = 4,577$). Para estas duas variáveis, a *Measuring Child Resilience* ($r = 0,215$; $p = 0,027$) e o seu fator 1 – “*I can*” ($r = 0,228$; $p = 0,019$), são apresentadas correlações positivas fracas.

Por fim, quando estudado o Suporte Social em função das variáveis sociodemográficas, os resultados não identificaram diferenças significativas na Satisfação com o Suporte Social em função da idade. Contudo, os resultados sugerem uma associação com o fator *satisfação com os amigos* ($r = -0,191$; $p = 0,049$), mas para uma correlação negativa e negligenciável. Os resultados apresentam-se significativos apenas para o fator “*satisfação com a família*” ($U = 758,0$; $p=0,037$) em função da atividade profissional anterior à reclusão, na qual o grupo com atividade ($M = 10,51$; $DP = 3,738$) apresenta valores médios superiores

ao grupo sem atividade ($M = 9,00$; $DP = 3,347$). Este fator apresenta uma correlação positiva fraca com a atividade profissional anterior à reclusão ($r = 0,303$; $p = 0,037$). Considerando as variáveis jurídico-penais, foram encontradas diferenças significativas para as *atividades sociais* ($t(106) = -2,332$; $p = 0,022$) em função da reincidência, considerando que o grupo de reincidentes ($M = 7,05$; $DP = 2,523$) apresenta valores médios inferiores ao grupo de primários ($M = 8,52$; $DP = 3,435$) para este fator, apresentando uma correlação negativa fraca com a reincidência ($r = -0,223$; $DP = 0,022$). Atendendo à situação penal, o fator *satisfação com os amigos* apresenta diferenças significativas ($t(106) = 2,127$; $p = 0,036$), no qual o grupo de condenados ($M = 17,39$; $DP = 4,907$) obtém valores médios superiores ao grupo de preventivos ($M = 15,31$; $DP = 5,080$). Entre este fator e a situação penal encontra-se uma correlação positiva fraca ($r = 0,204$; $p = 0,036$). Quando avaliadas as diferenças entre grupos nos resultados obtidos para a Satisfação com o Suporte Social em função do tempo de reclusão não foram encontradas diferenças significativas, no entanto, verificou-se uma correlação positiva fraca entre a *satisfação com os amigos* e o tempo de reclusão ($r = 0,236$; $p = 0,016$).

Num segundo momento, analisou-se a associação entre a Personalidade Criativa, o Otimismo, a Resiliência e a Satisfação com o Suporte Social.

Os resultados apontam para uma correlação positiva moderada entre a Escala de Otimismo e a *Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,585$; $p = 0,000$); uma correlação positiva moderada com a *Measuring Child Resilience* ($r = 0,428$; $p = 0,000$); uma correlação positiva fraca com os fatores “*I can*” ($r = 0,390$; $p = 0,000$), “*I have*” ($r = 0,350$; $p = 0,000$) e “*I am*” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,300$; $p = 0,002$); uma correlação positiva forte com a *Measuring State Resilience* ($r = 0,627$; $p = 0,000$); uma correlação positiva fraca com o fator “*I am/I can*” ($r = 0,359$; $p = 0,000$) e uma correlação positiva forte com o fator “*I have*” da *Measuring State Resilience* ($r = 0,638$; $p = 0,000$). Entre o Otimismo e a Satisfação com o Suporte Social apenas é sugerida associação para o fator *satisfação com a família*, apresentando uma correlação positiva significativa ($r = 0,199$; $p = 0,041$), contudo negligenciável. No que diz respeito à associação entre a Satisfação com o Suporte Social e a Resiliência, a *satisfação com a família* surge associada com a *Measuring State and Child Resilience* ($r = 0,306$; $p = 0,001$) e com a *Measuring Child Resilience* ($r = 0,229$; $p = 0,018$), sendo observadas correlações positivas fracas para ambas; com o fator “*I can*”, com uma correlação positiva mas negligenciável ($r = 0,199$; $p = 0,040$); com o fator “*I have*”, com uma correlação positiva fraca ($r = 0,259$; $p = 0,007$); com a *Measuring State Resilience* ($r = 0,320$; $p = 0,001$); com o fator “*I am/I can*” ($r = 0,354$; $p = 0,000$); e com o fator “*I have*” ($r = 0,250$;

$p = 0,010$), estando indicadas para estas três últimas associações correlações positivas fracas. Contudo, a Escala de Satisfação com o Suporte Social está associada com o fator “*I have*” ($r = 0,212$; $p = 0,029$) da *Measuring Child Resilience*, apresentando uma correlação positiva fraca; com a *Measuring State Resilience* ($r = 0,199$; $p = 0,041$), mas para uma correlação positiva negligenciável, e também com o fator “*I am/I can*” da mesma escala ($r = 0,306$; $p = 0,001$), apresentando uma correlação positiva fraca. Este fator, “*I am/I can*”, está correlacionado positivamente com o fator *satisfação com os amigos* ($r = 0,218$; $p = 0,025$) e *intimidade* ($r = 0,274$; $p = 0,005$) da Escala de Satisfação com o Suporte Social, com correlações positivas fracas. Podem ser, ainda, referida uma correlação positiva fraca entre o fator *satisfação com os amigos* e o fator “*I have*” da *Measuring Child Resilience* ($r = 0,259$; $p = 0,007$) e uma correlação negativa fraca entre o fator *atividades sociais* e o fator “*I am*” ($r = -0,233$; $p = 0,016$).

Verificou-se associação entre a Personalidade Criativa e o Otimismo, apresentando os resultados uma correlação positiva moderada ($r = 0,498$; $p = 0,000$).

Os resultados para a Personalidade Criativa e a *Measuring State and Child Resilience* indicam uma correlação positiva forte ($r = 0,639$; $p = 0,000$). No que diz respeito à *Measuring Child Resilience*, existe uma correlação positiva moderada ($r = 0,539$; $p = 0,000$), tal como para os seus fatores “*I can*” ($r = 0,481$; $p = 0,000$) e “*I have*” ($r = 0,438$; $p = 0,000$), à exceção do fator “*I am*” em que a correlação é positiva fraca ($r = 0,397$; $p = 0,000$). A associação entre a Personalidade Criativa e a *Measuring State Resilience* é indicada por uma correlação positiva moderada ($r = 0,584$; $p = 0,000$). Para o fator “*I am/I can*” foi encontrada uma correlação positiva fraca ($r = 0,363$; $p = 0,000$) e para “*I have*” uma correlação positiva moderada ($r = 0,582$; $p = 0,000$).

Finalmente, entre a Personalidade Criativa e a Satisfação com o Suporte Social, apenas se verifica uma associação com o fator *a satisfação com a família*, a ser considerada uma correlação positiva fraca ($r = 0,268$; $p = 0,005$).

Considerando as correlações significativas entre as variáveis, e de forma a aprofundar as relações existentes, foi considerado relevante realizar regressões hierárquicas múltiplas.

Os resultados indicam que A Reincidência, a Situação penal, o Tempo de pena e Tempo de reclusão, constituem um modelo explicativo significativo da Personalidade Criativa [$F(4, 103) = 3,226$, $p = 0,016$], explicando 11,5% ($R^2 = 0,115$) da sua variância. Contudo, apenas a Reincidência ($\beta = 0,244$, $t = 2,461$, $p = 0,016$) apresenta um efeito preditor significativo.

A Situação penal; o Tempo de reclusão; Atividades lúdico-pedagógicas e recreativas; o Otimismo e a Personalidade Criativa, integram um modelo explicativo significativo da Resiliência, tendo a inclusão da Personalidade Criativa aumentado de 36,4% para 51,4% a sua capacidade de predição. O Otimismo ($\beta = 0,338$, $t = 4,089$, $p = 0,000$) e a Personalidade Criativa ($\beta = 0,454$, $t = 5,500$, $p = 0,000$) são as duas variáveis com valor preditivo significativo.

Por fim, a Personalidade Criativa tem efeito preditor significativo ($\beta = 0,489$, $t = 5,717$, $p = 0,000$) e explica 23,9% ($R^2 = 0,239$) da variância do Otimismo. Este modelo apresenta-se como significativo [$F(1, 105) = 32,679$, $p = 0,000$].

CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO

Os reclusos apresentam valores elevados para a personalidade criativa, para o otimismo e para a resiliência. Apesar de se encontrarem valores inferiores, os reclusos também parecem satisfeitos com o seu suporte social.

A personalidade criativa está relacionada com a reincidência e com a situação penal. Assim, a personalidade criativa é mais elevada em reclusos reincidentes do que reclusos primários e mais elevada em reclusos condenados do que preventivos. Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas entre os grupos, os resultados sugerem que a personalidade criativa tende a apresentar valores mais elevados quanto mais elevada é a pena e maior o tempo de prisão.

A resiliência percebida no momento atual é mais elevada nos indivíduos condenados do que nos preventivos. Apesar de não terem sido encontradas diferenças significativas na Resiliência em função do tempo de prisão, os resultados sugerem que o aumento do tempo de prisão acompanhe um aumento da resiliência, tal como um aumento da resiliência percebida no momento atual. Quando analisada a Resiliência em função das atividades desenvolvidas no estabelecimento prisional, os reclusos com mais elevada percepção de resiliência na infância tendem a frequentar mais atividades lúdico-pedagógicas e recreativas.

Os resultados, quando estudado o suporte social em função das variáveis sociodemográficas, não identificaram diferenças significativas. Contudo, apontam para que a satisfação com a família seja mais elevada quando os reclusos mantinham uma atividade laboral anterior à prisão. Considerando as variáveis jurídico-penais, os reclusos reincidentes são menos satisfeitos com as suas atividades sociais. Os reclusos condenados e os que se encontram há mais tempo reclusos tendem a estar mais satisfeitos com os amigos.

O otimismo está associado com a resiliência, também quando percebida na infância ou no momento atual. Considerou-se que indivíduos mais otimistas tendam a ser mais resilientes.

Entre a satisfação com o suporte social e o otimismo ou a resiliência apenas é sugerida associação para o fator *satisfação com a família*. Os resultados apontam, ainda, para que os reclusos com valores mais elevados na personalidade criativa são os reclusos mais satisfeitos com a família.

Desta forma, os reclusos mais satisfeitos com a família são os mais otimistas, resilientes e criativos.

Constatou-se, ainda, que os reclusos mais criativos tendem a ser mais otimistas e mais resilientes.

A reincidência apresenta um efeito preditivo significativo da personalidade criativa. Por sua vez, a personalidade criativa apresenta um efeito preditivo do otimismo e da resiliência.

CAPÍTULO 7. CONCLUSÃO

Os resultados indicam que a personalidade criativa pode potenciar o bem-estar da população reclusa, sendo que é preditora do otimismo e da resiliência. Desta forma ao aumentar a criatividade, aumenta-se o otimismo e a resiliência, o bem-estar.

Apesar da satisfação com o suporte social não surgir associado a nenhuma das restantes variáveis, ao contrário do esperado, é de salientar as associações encontradas para a satisfação com a família. Desta forma, pode ser este fator que mais pesa na relação entre a satisfação com o suporte social e as restantes variáveis de bem-estar, o otimismo e a resiliência, e a personalidade criativa.

Não foram encontrados estudos que se dedicassem à temática da presente investigação, pelo que é difícil interpretar com certeza determinados resultados.

Por outro lado, a desejabilidade social pode enviesar os resultados das escalas (Oliveira, 1998), como o próprio autor da escala de otimismo refere. Desta forma, é difícil saber se os resultados elevados obtidos na escala possam ser reflexo de algum enviesamento. No que diz respeito à amostra em estudo, e atendendo que as questões são referentes ao futuro, existe alguma pressão para que mostrem arrependimento e ambição em mudar de vida quando terminarem a pena, tal como uma enorme vontade e preparação para o fazerem, ainda em reclusão.

No entanto, com este estudo, a população reclusa é abordada de uma diferente perspetiva, na qual o problema central é o seu bem-estar.

É importante considerar, ainda, que apesar de não determinante, este estudo sugere que a personalidade criativa e a criatividade podem ser incluídas nos indicadores de bem-estar.

Seria interessante, futuramente, investigar a satisfação com o suporte social dando especial atenção à satisfação com a família, para melhor explicar os resultados aqui encontrados. Como parece pertinente continuar a investigar a relação entre a personalidade criativa e o bem-estar, podendo estender esse estudo a variáveis diferentes das aqui apresentadas.

Bibliografia

- Amabile, T. M. (1996). *Creativity in Context*. Oxford: Westview Press.
- Brophy, D. R. (1998). Understanding, Measuring, Enhancing Collective Creative Problem-Solving Efforts. *Creativity Research Journal*, *11*, 199-229.
- Brower, R. (1999). Dangerous Minds: Eminently Creative People Who Spent Time in Jail. *Creativity Research Journal*, *12* (1), 3-13.
- Burns, R. A., & Machin, M. A. (2010). Identifying gender differences in the independent effects of personality and psychological well-being on two broad affect components of subjective well-being. *Personality and Individual Differences*, *48*, 22-27.
- Busseri, M., Choma, B., & Sadava, S. (2009). “As good as it gets” or “The best is yet to come”? How optimists and pessimists view their past, present, and anticipated future life satisfaction. *Personality and Individual Differences*, *47*, 352-356.
- Carver, C. S., Scheier, M. F., & Segerstrom, S. C. (2010). Optimism. *Clinical Psychology Review*, *30*, 879-889.
- Chang, E. C. (1998). Dispositional optimism and primary and secondary appraisal of a stressor: Controlling for confounding influences and relations to coping and psychological and physical adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*(2), 1109-1120.
- Cohen, L. M., & Ambrose, D. (1999). Adaptation and Creativity. In M. A. Runco, & S. R. Pritzker, *Encyclopedia of Creativity* (Vol. I, pp. 9-22). San Diego: Academic Press.
- Cropley, D. H., Kaufman, J. C., & Cropley, A. J. (2008). Malevolent Creativity: A Functional Model of Creativity in Terrorism and Crime. *Creativity Research Journal*, *20* (2), 105-115.
- Csikszentmihalyi, M. (1999). Implications of a Systems Perspective for the Study of Creativity. In R. J. Sternberg (Ed.) *Handbook of Creativity* (pp. 313-335). Cambridge Cambridge University Press.
- Eisenman, R. (1999). Creativity Prisoners: Do They Exist? *Creativity Research Journal*, *12* (3), 205-210.
- Eisenman, R. (2008). Malevolent Creativity in Criminals. *Creativity Research Journal*, *20* (2), 116-119.

- Ferguson, S., & Goodwin, A. (2010). Optimism and well-being in older adults: the mediating role of social support and perceived control. *Aging and Human Development, 71* (1), 43-68.
- Fortin, M.-F. (2003). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Hiew, C. C. (1998). *Resilience: Development and Measurement*. Japan: Faculty of Education Hiroshima University.
- Jesus, S. N., Morais, F., Pocinho, M., Imaginário, S., Duarte, J., Matos, M., et al. (2011). Validação da Escala de Personalidade Criativa: estudo psicométrico. *Actas da XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Kahn, J. H., Hessling, R. M., & Russell, D. W. (2003). Social support, health, and well-being among the elderly: what is the role of negative affectivity? *Personality and Individual Differences, 35*, 5-17.
- Karademas, E. C. (2006). Self-efficacy, social support and well-being: The mediating role of optimism. *Personality and Individual Differences, 40* (6), 1281-1290.
- Keyes, C. L., & Waterman, M. B. (2003). Dimensions of Well-Being and Mental Health in Adulthood. In M. H. Bornstein, L. Davidson, C. L. Keyes, & K. A. Moore, *Well-Being: Positive Development Across the Life Course* (pp. 477-497). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Kirton, M. J. (1976). Adaptors and innovators: a description and measure. *Journal of Applied Psychology, 61*, 622-629.
- Levy, B., & Langer, E. (1999). Aging. In M. A. Runco, & S. R. Pritzker, *Encyclopedia of Creativity* (Vol. I, pp. 45-52). San Diego: Academic Press.
- Martins, M. H. (2005). *Contribuições para a análise de crianças e jovens em situação de risco*. Faro: Universidade do Algarve.
- Morais, M. d. (2011). Criatividade: Desafios ao Conceito. In U. d. Minho (Ed.), *I Congresso Internacional de Criatividade e Inovação* (pp. 8-28). Manaus, Brasil: Criabrasilis.
- Oliveira, J. H. (1998). Optimismo: Teoria e Avaliação (proposta de uma nova escala). *Psicologia, Educação e Cultura, 2*(2), 295-308.
- Oliveira, J. H. (1998). Optimismo: Teoria e Avaliação (proposta de uma nova escala). In *Psicologia, Educação e Cultura* (pp. 295-307).

- Oliveira, M., & Nakano, T. (2011). Revisão de pesquisas sobre criatividade e resiliência. *Temas em Psicologia, 19* (2), 467-479.
- Pais-Ribeiro, J. L. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica, 3*(17), 547-558.
- Pestana, M. H., & Gagueiro, J. N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Humanas e Sociais: A Complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Rego, A., Sousa, F., Marques, C., & Pina e Cunha, M. (2012). Optimism predicting employees' creativity: The mediating role of positive affect and the positivity ratio. *European Journal of Work and Organizational Psychology, 21* (2), 244-270.
- Rhodes, M. (1961). An analysis of creativity. *The Phi Delta Kappan, 41* (7), 335-310.
- Runco, M. (2007). *Creativity Theories and Themes: Research, Development and Practice*. London: Elsevier Academic Press.
- Scheier, M. F., & Carver, C. S. (1992). Effects of Optimism on Psychological and Physical Well-Being: Theoretical Overview and Empirical Update. *Cognitive Therapy and Research, 16* (2), 201-228.
- Seegerstrom, S. C. (2007). Optimism and resources: Effects on each other and on health over 10 years. *Journal of Research in Personality, 41*, 772-786.
- Seligman, M., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive Psychology: An Introduction. *American Psychologist, 55* (1), 5-14.
- Silva, S. T., & Gonçalves, R. A. (1999). Sobrelotação prisional e perturbação da adaptação. In R. A. Gonçalves, A. I. Sani, & M. Matos, *Crimes: e testemunhos. Actas do congresso "Crimes Ibéricos"* (pp. 247-273). Braga: Universidade do Minho.
- Siqueira, M. M., & Padovam, V. A. (2008). Bases Teóricas de Bem-Estar Subjetivo, Bem-Estar Psicológico e Bem-Estar no Trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24*(2), 201-209.
- Spooner, M. T. (2008). Commentary on Malevolent Creativity. *Creativity Research Journal, 20* (2), 128-129.
- Sternberg, R. J. (2006). The Nature of Creativity. *Creativity Research Journal, 18* (1), 87-98.
- Ventura, J. P. (1999). Nascer e não ter sorte... Ser jovem, deserdado e delinquente... In R. A. Gonçalves, C. Machado, A. I. Sani, & M. Matos, *Crimes: Práticas e Testemunhos. Actas do Congresso "Crimes Híbericos"* (pp. 35-54). Braga, Minho: Universidade do Minho.

Wechsler, S. (1998). Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária. *Psicologia escolar e educacional*.

Winner, E. (2003). Creativity and Talent. In M. H. Bornstein, L. Davidson, C. L. Keyes, & K. A. Moore, *Well-Being: Positive Development Across the Life Course* (pp. 371-380). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Wrosch, C., & Scheier, M. F. (2003). Personality and quality of life: The importance of optimism and goal adjustment. *Quality of Life Research*, 12 (1), 59-72.

ANEXOS

Anexo 1

Pedido de autorização para recolha de dados

Ex.mo Sr. Dr. Rui Sá Gomes

Director-Geral dos Serviços Prisionais

Assunto: Solicitação de autorização para a recolha de dados/aplicação de instrumentos nos Estabelecimentos Prisionais do Algarve.

Tânia Frederica Ferreira Paulo Saramago, aluna do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde (2009-2011) pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, a terminar o seu estágio curricular no Estabelecimento Prisional Regional de Faro, vem por este meio solicitar a V. Ex.^a, no âmbito da elaboração da dissertação de mestrado, a autorização da aplicação dos instrumentos de avaliação, que seguem em anexo, aos reclusos dos Estabelecimentos Prisionais do Algarve.

O presente trabalho é orientado pelo Prof. Doutor Saul Neves de Jesus, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Psicologia, da Universidade do Algarve, e tem por objectivo analisar eventuais associações entre a Criatividade e variáveis de Bem-estar, como o optimismo, a resiliência e o suporte social, em reclusos.

A participação é voluntária e a resposta aos instrumentos demora cerca de 30 minutos.

Sob o compromisso de honra, garanto a não recolha da identificação dos participantes, a preservação da confidencialidade dos dados recolhidos e a sua utilização apenas para a elaboração da referida investigação.

Agradeço desde já a sua atenção, encontrando-me disponível para qualquer esclarecimento que considere necessário.

Com os melhores cumprimentos,

Pede deferimento,
Gambelas, 28 de Maio de 2011

A orientanda

O orientador

(Tânia Saramago)

(Prof. Doutor Saúl Neves de Jesus)

Anexo 2

Consentimento informado

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde

CRIATIVIDADE E BEM-ESTAR
NA POPULAÇÃO RECLUSA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONSENTIMENTO INFORMADO

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Universidade do Algarve, venho por este meio solicitar a sua colaboração na resposta às questões que se seguem, para a realização de uma investigação sobre a relação entre a Criatividade e variáveis de Bem-estar.

A sua colaboração neste estudo é voluntária, pelo que não existem quaisquer consequências caso não pretenda participar.

É respeitado o anonimato, sendo os dados recolhidos apenas usados na investigação mencionada, garantindo a sua confidencialidade. Desta forma, agradecemos toda a sinceridade nas respostas, tendo em conta que não existem respostas certas ou erradas.

As respostas às seguintes questões podem demorar cerca de 30 minutos.

Agradecemos desde já a sua disponibilidade, pois sem a mesma será impossível a realização do presente estudo.

Anexo 3

Questionário sociodemográfico

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Idade _____

Nacionalidade _____

Habilitações Literárias

<i>Ler e Escrever</i>	<input type="checkbox"/>
<i>1.º ciclo</i>	<input type="checkbox"/>
<i>2.º ciclo</i>	<input type="checkbox"/>
<i>3.º ciclo</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Ensino Secundário</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Ensino Superior</i>	<input type="checkbox"/>

Profissão _____

Tempo de pena _____

Tempo de pena que falta cumprir _____

Já esteve preso antes

<i>Sim</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Não</i>	<input type="checkbox"/>

Actividades desenvolvidas no E.P.

<i>Alfabetização</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Português para Estrangeiros</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Inglês</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Cursos de Formação Profissional</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Trabalhos de Manutenção e Limpeza</i>	<input type="checkbox"/>
<i>Outras</i>	<input type="checkbox"/>

Quais _____

Anexo 4

Escala de Otimismo

ESCALA DE OPTIMISMO (BARROS, 1998)

Este questionário interroga sobre algumas atitudes face ao futuro.

Responda sinceramente a todas as perguntas, conforme aquilo que verdadeiramente sente e não como gostaria de ser.

Faça um círculo (só um em cada resposta) em volta do número que melhor corresponda à sua situação (evitando, se possível, o número intermédio), segundo a chave:

- 1 = Totalmente em desacordo (absolutamente não)
- 2 = Bastante em desacordo (não)
- 3 = Nem de acordo nem em desacordo (mais ou menos)
- 4 = Bastante de acordo (sim)
- 5 = Totalmente de acordo (absolutamente sim)

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. Encaro o futuro com optimismo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Tenho esperança de conseguir o que realmente desejo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Faço projectos para o futuro e penso que os realizarei | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Em geral considero-me uma pessoa optimista | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Anexo 5
Measuring Child Resilience

MEASURING CHILD RESILIENCE

Chock C. Hiew, Ph.D.

(Versão adaptada à população portuguesa, por Helena Martins, 2000)

Leia cuidadosamente cada afirmação e faça um círculo sobre o número que melhor indica o seu grau de concordância ou discordância face ao que é afirmado, de acordo com a chave:

- 1 = Discordo totalmente
- 2 = Discordo
- 3 = Neutro
- 4 = Concordo
- 5 = Concordo totalmente

(Todas as afirmações devem ser antecedidas pela expressão “*No passado, quando era criança*”).

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. Esperavam que eu fosse uma pessoa prestável (útil). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Eu era calmo(a), mesmo em tempos de difíceis. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Os outros viam-me como “vivo(a)” e fisicamente activo(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Eu acreditava em mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Os meus pais davam-me bastante atenção. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. A minha família tinha expectativas elevadas em relação a mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Quando estava aborrecido(a) ou com problemas, havia habitualmente alguém para me ajudar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Eu tinha sucesso na escola. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Espontaneamente fazia coisas para ajudar os outros. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Sinto que me percebia a mim mesmo(a). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Eu estava exposto(a) a situações de stress que aprendi a controlar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Eu sentia que as coisas iriam correr bem, mesmo em situações difíceis. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Eu sabia como planear para o futuro. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Habitualmente os outros ficavam contentes ao ver-me. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Os meus pais diziam que eu tinha um feitio fácil. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Eu tinha boas relações com os adultos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Eu era persistente nas minhas acções até ter sucesso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Eu era capaz de arranjar soluções para lidar com os problemas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Anexo 6
Measuring State Resilience

MEASURING STATE RESILIENCE

Chock C. Hiew, Ph.D.

(Versão adaptada à população portuguesa, por Helena Martins, 2000)

Segue-se um conjunto de afirmações usadas pelas pessoas para se descreverem a si próprias. Leia cuidadosamente cada afirmação e faça um círculo sobre o número que melhor indica o seu grau de concordância ou discordância face ao que é afirmado. Para cada afirmação escolha uma alternativa, de acordo com a chave:

1 = Discordo totalmente

2 = Discordo

3 = Neutro

4 = Concordo

5 = Concordo totalmente

(Todas as afirmações devem ser antecedidas pela expressão “*No momento actual*”).

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. Tenho alguém que gosta de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Tenho alguém fora da minha casa a quem posso falar sobre os meus problemas ou sentimentos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Fico satisfeito(a) quando faço as coisas sem ajuda. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Sei que posso contar com a minha família quando preciso. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Eu acredito que tudo me irá correr bem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Faço coisas de forma simpática, o que faz as pessoas gostarem de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Tenho fé em Deus. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Estou deseioso(a) de experimentar coisas novas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Gosto de fazer bem o que faço. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Sinto que o que faço ajuda a que as coisas resultem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Eu gosto de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Eu posso concentrar-me numa tarefa e continuar com ela durante algum tempo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Eu tenho sentido de humor. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Faço planos para realizar coisas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Anexo 7

Escala de Satisfação com o Suporte Social

ESCALA DE SATISFAÇÃO COM O SUPORTE SOCIAL

O conjunto de afirmações que se segue pretende compreender a satisfação com suporte social (o que pensa sobre o apoio que lhe tem sido dado). Assinale com um círculo o número que melhor qualifica a sua forma de pensar, Para cada afirmação escolha uma alternativa, de acordo com a chave:

- 1 = Concordo totalmente
- 2 = Concordo em parte
- 3 = Não concordo nem discordo
- 4 = Discordo na maior parte
- 5 = Discordo totalmente

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Não saía com amigos tantas vezes quantas eu gostaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Mesmo nas situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntimo que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Sentia falta de actividades sociais que me satisfaçam. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Gostava de participar mais em actividades de organizações (p.ex. clubes desportivos, escuteiros, partidos políticos, etc.). | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a minha família. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Estou satisfeito com o tempo que passo com a minha família. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Estava satisfeito com o que fazia em conjunto com a minha família. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Estou satisfeito com a quantidade de amigos que tenho. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Estou satisfeito com as actividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Anexo 8

Escala de Personalidade Criativa

ESCALA DE PERSONALIDADE CRIATIVA

Indique o grau em que concorda ou discorda de cada uma das seguintes afirmações. Utilize a seguinte escala:

Discordo totalmente	Discordo um pouco	Não discordo nem concordo	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
DT	D	ND/NC	C	CT
1	2	3	4	5

	DT	D	ND/ NC	C	CT
1. Adoro fazer alguma coisa só para ver o que vai acontecer	1	2	3	4	5
2. Fico totalmente concentrado(a) quando descubro uma nova ideia	1	2	3	4	5
3. Sou uma pessoa curiosa	1	2	3	4	5
4. Sou mais produtivo(a) quando respeito minhas emoções	1	2	3	4	5
5. Quando quero comunicar uma ideia, utilizo comparações e analogias	1	2	3	4	5
6. Para tomar decisões, gosto de obter vários pontos de vista	1	2	3	4	5
7. Gosto de ideias novas	1	2	3	4	5
8. Sou uma pessoa questionadora e gosto de dar sugestões	1	2	3	4	5
9. Sou uma pessoa aberta a novas ideias	1	2	3	4	5
10. Não tenho medo de situações novas	1	2	3	4	5
11. Encontro motivação em tudo o que faço	1	2	3	4	5
12. Sou uma pessoa otimista	1	2	3	4	5
13. Percebo falhas no ambiente e tenho ideias para resolvê-las	1	2	3	4	5

14.Mesmo quando erro, continuo a tentar novas alternativas	1	2	3	4	5
15.Resolver problemas de maneira diferente é algo que me fascina	1	2	3	4	5
16.Tenho coragem de iniciar uma nova actividade mesmo que exista risco	1	2	3	4	5
17.Acredito que todo o problema tem solução	1	2	3	4	5
18.Gosto de projectos que me permitam ter várias ideias	1	2	3	4	5
19.Gosto de questionar as regras estabelecidas de pensar e agir	1	2	3	4	5
20.Tenho um grande entusiasmo por tudo o que faço	1	2	3	4	5
21.Sou uma pessoa espontânea	1	2	3	4	5
22.Coloco muita energia em tudo o que faço	1	2	3	4	5
23.Sou uma pessoa com sentido de humor	1	2	3	4	5
24.Tenho segurança em mim mesmo(a)	1	2	3	4	5
25.Aceito bem as críticas que me fazem	1	2	3	4	5
26.Utilizo a minha imaginação para o crescimento pessoal e profissional	1	2	3	4	5
27.Gosto de melhorar as minhas ideias até que fiquem bem claras	1	2	3	4	5
28.Mesmo falhando, gosto e acredito na importância do que faço	1	2	3	4	5
29.Consigo encontrar várias soluções para o mesmo problema	1	2	3	4	5
30.Tenho facilidade em encontrar a beleza das coisas	1	2	3	4	5

Anexo 9

Distribuição da amostra segundo a ocupação profissional anterior à reclusão

Distribuição da amostra segundo a ocupação profissional anterior à reclusão.

Categoria profissional	Frequência (n)	Percentagem (%)
Especialista em assuntos jurídicos, sociais, artísticos e culturais	1	0,9
Técnicos e profissionais de nível intermédio da saúde	1	0,9
Técnicos das tecnologias de informação e comunicação	3	2,8
Pessoal de apoio direto a clientes	1	0,9
Trabalhadores dos serviços sociais	10	9,4
Pessoal dos serviços de proteção e segurança	1	0,9
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e produção animal, orientados para o mercado	6	5,7
Trabalhadores qualificados da floresta, pesca e caça, orientados para o mercado	4	3,8
Trabalhadores qualificados da construção e similares, exceto eletricitista	24	22,6
Trabalhadores qualificados da metalurgia, metalomecânica e similares	5	4,7
Trabalhadores qualificados em eletricidade e eletrónica	2	1,9
Trabalhadores da transformação de alimentos, da madeira, do vestuário e outras indústrias e artesanato	4	3,8
Operadores de instalações fixas e máquinas	1	0,9
Condutores de veículos e operadores de equipamentos móveis	5	4,7
Vendedores	3	2,8
Trabalhadores não qualificados da indústria extrativa, construção, indústria transformadora e transportes	1	0,9
Outras	8	7,5
Estudantes	6	5,7
Desempregados	2	1,9
Reformados	1	0,9
Sem profissão	17	16,0
Total	106	100,0